

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

MELISSA OSTERLUND FERREIRA

**A VARIÇÃO DA PREPOSIÇÃO *PARA* NA FALA DE LONDRINA PELOS DADOS
DO VARSUL**

PORTO ALEGRE

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira, Melissa Osterlund

A variação da preposição PARA na fala de Londrina pelos dados do VARSUL / Melissa Osterlund Ferreira. - 2014.

67 f.

Orientadora: Valéria Neto de Oliveira Monaretto.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Teoria da Variação Linguística. 2. Preposição PARA. 3. Prosódia da fala. I. Monaretto, Valéria Neto de Oliveira, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MELISSA OSTERLUND FERREIRA

**A VARIAÇÃO DA PREPOSIÇÃO *PARA* NA FALA DE LONDRINA PELOS DADOS
DO VARSUL**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras.

Prof^ª Dra. Valéria Neto de Oliveira Monaretto
Orientadora

PORTO ALEGRE

2014

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Valéria Monaretto, por tantos anos de orientação dedicada.

À minha mãe, Lígia, que também já se aventurou pelo mundo das Letras, por ter sido a principal responsável para que eu pudesse iniciar e concluir a graduação.

Ao meu pai, Sérgio, por me estimular a estudar o que eu quis, sem intervenções, e pela eterna curiosidade por mais conhecimento.

Ao meu irmão, Juliano, por ter me feito aprender as letras aos três anos de idade. Eis o resultado.

À PROPESQ, pelas bolsas de iniciação científica concedidas durante alguns anos, possibilitando minha inserção na pesquisa.

À UFRGS, pela oportunidade de estudar em uma instituição pública que possibilitou tanto crescimento para minha vida nesses últimos anos.

Ao professor Edir Vieira, por ter sido uma referência em humanidade na época em que eu começava a decidir que carreira seguir.

Aos meus amigos de toda a vida, Carol, Adriano e Mônica, por terem sido, desde os tempos da escola, a minha inspiração para ingressar no Ensino Superior.

Aos meus amigos e colegas do curso de Letras, Tess, Hellena, Fernando, Carol e Debbie, pelos momentos tão bons que passamos juntos desde o início da graduação.

À Viviane Barel, ao Marcelo, ao Diogo, à Maurin e à Bonnie, pelas pessoas especiais que sempre foram.

RESUMO

Este trabalho trata de descrever e analisar a variação da preposição *para* na fala de Londrina - PR a partir de oito entrevistas que integram o Banco de Dados do Projeto Variação Linguística no Sul do Brasil (VARSUL). A análise e quantificação dos dados basearam-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística de William Labov. Observou-se que há atuação de variáveis linguísticas e sociais na ocorrência desta variação, em termos de uma regra variável, na fala destes indivíduos, comparando-se estes resultados com outras pesquisas que abordaram o mesmo fenômeno. Verificou-se que *pra* é a variante preferida na cidade paranaense, *pa* apresenta poucas realizações, e a forma padrão *para* mostrou-se insignificante em termos de ocorrência. Por isso, *pra* passou a ser a variável dependente da pesquisa, que foi examinada segundo grupos de fatores linguísticos e sociais. Os resultados indicaram preferência pela forma reduzida *pra* e baixo uso da forma padrão *para*, assim como em pesquisas realizadas em outras cidades brasileiras, o que caracteriza uma situação de mudança em curso no português brasileiro. A maioria dos informantes mais velhos optou pela variante *pra*, característica que revela possível tendência de que essa variante venha a desaparecer. Já o papel da escolaridade deve ser relativizado em relação ao sexo do informante. A hipótese de que a preposição reduzida, desprovida de acento, unir-se-ia a uma palavra iniciada por sílaba átona não se confirmou, devido ao baixo percentual de ocorrências da forma *pra* seguida por esse contexto.

Palavras-chave: Preposição *para*; Teoria da Variação; VARSUL.

RESUMEN

Este trabajo trata de describir y analizar la variación de la preposición *para* en el habla de Londrina - PR por medio de ocho entrevistas que integran el Banco de Datos del Proyecto *Variação Linguística no Sul do Brasil* (VARISUL). El análisis y la cuantificación de los datos se basaron en la Teoría de la Variación y Cambio Lingüístico de William Labov. Se observó que hay actuación de variables lingüísticas y sociales en la ocurrencia de esta variación, en términos de una regla variable, en el habla de estos individuos, comparándose estos resultados con otras investigaciones que abordaron el mismo fenómeno. Se verificó que *pra* es la variante preferida en la ciudad paranaense, *pa* presenta pocas realizaciones y la forma patrón *para* se mostró insignificante en términos de ocurrencia. Por eso, *pra* pasó a ser la variable dependiente de la investigación, que fue examinada según grupos de factores lingüísticos y sociales. Los resultados indicaron preferencia por la forma reducida *pra* y poco uso de la forma patrón *para*, así como en investigaciones realizadas en otras ciudades brasileñas, lo que caracteriza una situación de cambio en curso en el portugués brasileño. La mayoría de los informantes mayores optó por la variante *pra*, característica que revela posible tendencia de que esta variante venga a desaparecer. Ya el papel de la escolaridad debe ser relativizado en relación al sexo del informante. La hipótesis de que la preposición reducida, desproveída de acento, se uniría a una palabra empezada por sílaba átona no se confirmó, debido al bajo porcentual de ocurrencias de la forma *pra* seguida por ese contexto.

Palabras-clave: Preposición *para*; Teoría de la Variación; VARISUL.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição geral dos dados	33
Gráfico 2 – Comparação dos Dados entre Pesquisas da variável <i>para</i>	35
Gráfico 3 – Comparação dos Dados entre Pesquisas da variável <i>para</i> – exceto Gazola	36
Gráfico 4 – Percentuais da escolha de <i>pra</i> por informante	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ilustração de células sociais conforme nossa amostra	18
Tabela 2 – Estratificação dos informantes por sexo, idade e escolaridade	21
Tabela 3 – A influência da escolaridade na escolha de <i>pa</i> em relação a <i>pra</i> na fala de Porto Alegre. Fonte: Maya (2004)	25
Tabela 4 – A influência do contexto morfológico seguinte na escolha de <i>pa</i> em relação a <i>pra</i> na fala de Porto Alegre. Fonte: Maya (2004)	26
Tabela 5 – Distribuição de dados por variante em cada trabalho	34
Tabela 6 – Aplicação Geral de <i>pra</i> – primeira rodada	36
Tabela 7 – Aplicação Geral de <i>pra</i> – com amalgamações	37
Tabela 8 – Variante <i>pra</i> considerando <i>Posição em Relação a Pausas</i>	38
Tabela 9 – Variante <i>pra</i> considerando o contexto morfológico seguinte	39
Tabela 10 – Variante <i>pra</i> considerando o contexto fonológico seguinte	40
Tabela 11 – Variante <i>pra</i> considerando a Tonicidade da Sílabas Seguinte	41
Tabela 12 – Cruzamento entre <i>Contexto Morfológico Seguinte e Tonicidade da Sílabas Seguinte</i>	42
Tabela 13 – Variante <i>pra</i> considerando o <i>Paralelismo</i>	43
Tabela 14 – Variante <i>pra</i> considerando o <i>Número de Sílabas do Item Seguinte</i>	44
Tabela 15 – Variante <i>pra</i> considerando o <i>Processo de Sândi com a Sílabas Seguinte</i>	46
Tabela 17 – Variante <i>pra</i> considerando a <i>Idade</i>	47
Tabela 18 – Variante <i>pra</i> considerando o <i>Sexo</i>	48
Tabela 19 – Aplicações de <i>pra</i> considerando a <i>Escolaridade</i>	49
Tabela 20 – Cruzamento entre as variáveis <i>Sexo e Idade</i>	53

Tabela 21 – Cruzamento entre as variáveis <i>Sexo</i> e <i>Escolaridade</i>	54
Tabela 22 – Cruzamento entre as variáveis <i>Idade</i> e <i>Escolaridade</i>	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A PREPOSIÇÃO PARA E SEU ESTATUTO FONOLÓGICO	14
2.1 OBJETIVOS	17
2.2 HIPÓTESES	17
3 METODOLOGIA: A teoria da variação e sua operacionalização	19
3.1 AMOSTRA	23
3.2 VARIÁVEIS CONTROLADAS	24
3.2.1 Variável Dependente	25
3.2.1.1 Variáveis Independentes Linguísticas	25
3.2.1.2 Variáveis Independentes Extralinguísticas	27
3.3 REVISÃO DA LITERATURA	28
3.3.1 O estudo de Maya (2004)	28
3.3.2 O estudo de Silva (2010)	30
3.3.3 O estudo de Gazola (2008)	32
3.3.4 O estudo de Felgueiras (1993)	34
4 RESULTADOS DA ANÁLISE ESTATÍSTICA	37
4.1 DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES	37
4.2 PRA, como Variável Dependente	40
4.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	41
4.3.1 Aplicação em <i>Posição em Relação a Pausas</i>	41
4.3.2 Aplicação em <i>Contexto Morfológico Seguinte</i>	42
4.3.3 Aplicação em <i>Contexto Fonológico Seguinte</i>	44
4.3.4 Aplicação em <i>Tonicidade da Sílabas Seguinte</i>	45
4.3.5 Aplicação em <i>Paralelismo</i>	47
4.3.6 Aplicação em <i>Número de Sílabas do Item Seguinte</i>	48
4.3.7 Aplicação em <i>Processo de Sândi com a Sílabas Seguinte</i>	49
4.4 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	51
4.4.1 <i>Idade</i>	51
4.4.2 <i>Sexo</i>	52

4.4.3 <i>Escolaridade</i>	53
4.4.4 Quantidade de PRA por informante	55
4.5 CRUZAMENTOS ENTRE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS OU SOCIAIS	56
4.5.1 <i>Sexo X Idade</i>	57
4.5.2 <i>Sexo X Escolaridade</i>	58
4.5.3 <i>Idade X Escolaridade</i>	59
5 CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	62
ANEXO A	64
ANEXO B	65

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende investigar o comportamento variável da preposição *para* na fala de Londrina/PR. Com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística e nos dados coletados pelo Projeto VARSUL, analisar-se-á possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionem a realização das variantes *para*, *pra* ou *pa*. Os resultados serão comparados com os estudos sobre o fenômeno em outras cidades brasileiras. Espera-se poder contribuir para a compreensão de fenômenos de variação, inerentes a todas as línguas.

A investigação que ora se apresenta não tem o caráter exaustivo. Escolheu-se a cidade de Londrina, dentre as demais cidades da amostra do VARSUL, primeiro, por ser a cidade em que nasci e vivi alguns anos. Em segundo, por não se ter muitos estudos linguísticos deste local. Já a escolha da variável *para*, se deu por parecer que receba a interferência de aspectos prosódicos, segundo Bisol (2000).

Sempre gostei de trabalhar com aspectos da fala, apresentados para mim em minha trajetória de iniciação científica nesta Universidade. Minha formação na graduação, no entanto, foi intercalada por afastamentos para intercâmbios, realizados em países de língua espanhola (Argentina e Venezuela), o que pode ter me impossibilitado de estudar mais teoria fonológica, disciplina extra oferecida pelo curso. Por isso, este trabalho concentra-se em explorar um aspecto fonológico com base apenas na Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Weinreich, Labov, Herzog ([1968], 2008).

Quando a preposição *para* é realizada como *pra* ou *pa*, esta forma reduz-se a uma sílaba com alteração de acento, tornando-se um *clítico*, que é, segundo Bisol (2000, p. 19), uma partícula átona não candidata a receber acento por ser fraca. Ainda segundo a autora, “o clítico e seu hospedeiro mantêm entre si a relação de dominância que define um constituinte prosódico: o cabeça é a palavra de conteúdo e o dominado é um clítico ou mais de um.”.

Este trabalho está organizado como segue. No primeiro capítulo, apresentamos o fenômeno estudado: a preposição *para*, suas variantes e um breve histórico sobre sua origem, além de considerações sobre o seu estatuto fonológico. Logo depois, esclarecemos os objetivos e as hipóteses da pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos a metodologia adotada para esta investigação e descrevemos a amostra, os grupos de variáveis controladas e a variável dependente. Também

está neste capítulo a revisão bibliográfica de trabalhos que já haviam tratado do mesmo assunto.

O terceiro capítulo traz os resultados para as três variantes *para/pra/pa*, para *pra* como variável dependente. A seguir, apresenta o percentual de aplicação dessa variante em cada grupo de fatores e as comparações com outras pesquisas.

O quarto e último capítulo apresenta as conclusões acerca dos resultados e das hipóteses da pesquisa. Por fim, anuncia as próximas etapas da investigação.

2 A PREPOSIÇÃO PARA E SEU ESTATUTO FONOLÓGICO

De acordo com Câmara Jr. (1985, p. 177-178), tinha-se no português arcaico a preposição *pera*, aglutinação de *per* e *ad* (preposição *a* em português), processada no latim vulgar imperial. Formas variantes (*per/pro/para*) uniram-se devido ao sentido de percurso – inicialmente, com uma direção definida – que podiam expressar.

O percurso histórico da preposição *para* mostra que sua variante *pra* tem sido realizada há bastante tempo, principalmente na fala, mas também na escrita informal. Segundo Williams (1961, p. 71), já no século XVI a modificação *para* > *pra* ocorria devido ao ritmo do verso de Sá de Miranda e de Gil Vicente.

A preposição *para* parece sofrer uma perda fonética quando realizada como *pra* ou *pa*, comumente utilizadas na língua falada. Nesta perda sonora, há também a supressão de uma sílaba e consequências para o acento.

Câmara Jr. (2008, p. 63) afirma ser, o acento, uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas. Pode estar presente na última, penúltima ou antepenúltima sílaba de uma palavra e é ele que determina a existência de um vocábulo. As sílabas pretônicas (que antecedem o acento) são consideradas mais fracas do que as postônicas (que sucedem o acento). Pelo seguinte esquema:

... (1) + 3 + (0) + (0) + (0)...

Câmara Jr. designa a tonicidade por 3, os parênteses como possível ausência de sílaba átona (no caso de monossílabos tônicos) e as reticências como quantidade indefinida de sílabas pretônicas.

No caso de duas palavras justapostas, em um *grupo de força* (sequência de vocábulos sem pausa), nas palavras de Câmara Jr., também há uma relação de acento envolvida. Em *grande amor*, por exemplo, a sílaba tônica que precede *amor* baixa à intensidade 2, ou seja, torna-se menos acentuada.

/graNdjamor/

2 0 -1 3

Há outros fenômenos de supressão de elemento em sílabas na fala do português brasileiro. O caso da elisão também ocorre entre sequência de palavras, afetando a realização de vogais, quando uma consoante ou vogal final átona de uma palavra se junta com a vogal

inicial (átona ou não) da palavra seguinte. De acordo com Câmara Jr. (2008, p. 62), entre duas vogais átonas iguais (uma final e outra inicial), essa junção cria uma vogal prolongada, que assinala uma delimitação, como em *mochila amarela* > *mochil[a]marela*. Entre duas vogais átonas diferentes, ocorre ditongação crescente (*filho arteiro* > *filh[w]arteiro*) ou decrescente (*febre alta* > *febr[j]alta*). Já entre duas consoantes iguais (vibrante, sibilante ou nasal), uma junção resultaria em geminação, fenômeno que atualmente não faz parte da língua portuguesa, como pode ser exemplificado em *Sem mana* e *semana*.

Câmara Jr. defende que há, na língua portuguesa, partículas átonas que não têm o *status* de vocábulo fonológico. Essas partículas são o artigo, as preposições, *que* e variações pronominais átonas junto ao verbo (*fala-se*, *se fala*). A preposição *para*, assunto deste trabalho, quando reduzida para *pra* ou *pa* alteraria seu estatuto prosódico, tornando-se uma sílaba sem acento. Passa a ser considerada, portanto, uma partícula átona e também uma forma dependente.

Bloomfield (*apud* Câmara Jr., 2008, p. 69) explica o critério para classificação dessas partículas:

As unidades formais de uma língua são de duas espécies: 1) formas livres, quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente (ex.: “*Que vão fazer?*”. Resposta: “*Proscrever*”. “*Proscrever o quê?*”. Resposta: “*Lei*”); 2) formas presas, que só funcionam ligadas a outras (como *pro-* de *proscrever*, *prometer* etc.). O vocábulo formal é a unidade a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres.

Diferentemente da representação aproximada dos fonemas por letras, que segue o critério fonológico, a apresentação escrita de um vocábulo segue o critério formal. O espaço em branco que deve ser deixado entre cada palavra separa unidades mórficas distintas, ainda que possam fazer parte de um mesmo grupo de força. Portanto, o vocábulo formal é uma forma dependente, que não funciona isoladamente como as formas livres, mas também não necessita ligar-se a formas livres da mesma maneira que uma forma presa. A forma dependente tem duas possibilidades de se separar de uma forma livre à qual esteja ligada: a existência de uma, duas ou mais formas livres entre a partícula em questão e essa forma livre; ou, quando a primeira opção não for possível (pronomes átonos junto ao verbo), a segunda possibilidade é que essa forma mude de posição em relação à forma livre a que está ligada. Em *Pede-se*, tem-se uma forma livre e forma dependente, respectivamente, e em *se pede*, uma forma dependente e uma forma livre, respectivamente. Outro exemplo é a expressão *de Pedro*.

Essas formas dependentes são chamadas de *clítico*, partícula átona que não é candidata a receber acento por ser fraca. Segundo Bisol (2000, p. 19), “o clítico e seu hospedeiro mantêm entre si a relação de dominância que define um constituinte prosódico: o cabeça é a palavra de conteúdo e o dominado é um clítico ou mais de um.”. No caso dos exemplos acima, em *pede-se* e *se pede*, a forma verbal *pede* representa o hospedeiro (cabeça) do clítico *se*, tanto em posição enclítica quanto em proclítica – preferida na fala do português brasileiro atual.

A relação entre clítico e seu cabeça é exemplificada por Bisol (2000, p. 20):

Os clíticos figuram como contextos independentes na aplicação de regras fonológicas. A neutralização de /e, o/, em final de palavra, onde /i,u/ respectivamente se manifestam, aplica-se em ambos os membros do grupo, como se aplica em qualquer palavra lexical ou funcional. Isso sugere que entre o clítico e seu cabeça estabelece-se uma relação de adjunção e não de integridade.

(18) do menino > du meninu
 de ferro > di ferru
 me leve > mi levi
 leve-me > levi-mi
 sente-se > senti-si
 se sente > si senti

O clítico e sua forma livre hospedeira formam, juntos, a primeira categoria prosódica pós-lexical: o grupo clítico ou palavra fonológica pós-lexical. Apresenta certa independência em relação ao vocábulo adjacente, podendo fazer parte de um vocábulo fonológico ou de um grupo clítico. Segundo Bisol (2010, p. 263-264), grupo clítico é uma unidade prosódica com um ou mais clíticos e apenas uma palavra de conteúdo, que comumente é considerada como elemento da palavra fonológica, a qual deve ter apenas um acento.

De acordo com Maya, (2004, p. 14), a síncope da preposição *para* teria duas explicações relacionadas à sua condição de clítico:

Como a maior parte dos clíticos em língua portuguesa é formada por monossílabos (pronomes pessoais oblíquos, artigos definidos, artigos indefinidos masculinos, algumas conjunções e preposições, etc.), a queda da primeira vogal do clítico *para* fez com que ele passasse de dissílabo a monossílabo, e, assim, apresentasse a estrutura dominante aos demais clíticos. Os clíticos, por não terem acento próprio, se apoiam em uma palavra adjacente. Em português brasileiro essa palavra parece ser a que vem após o clítico, haja vista que até os pronomes átonos preferem a posição proclítica [...]

Portanto, a preposição *para*, ao se apoiar na palavra seguinte (sua hospedeira), acrescenta-lhe duas sílabas pretônicas que a sobrecarregam. Dessa forma, o fenômeno de variação ocorreria pela transformação do dissílabo *para* no monossílabo *pra*; ou seja, pela

queda do primeiro *a*. O resultado dessa transformação sempre foi muito bem aceito pelos falantes, e até mesmo em registros escritos mais informais, conforme Maya.

No entanto, uma palavra com duas sílabas CV, sílabas simples, vira uma palavra com apenas uma sílaba CCV, sílaba complexa. Para resolver essa questão, ocorreu um reajuste ao padrão silábico dominante no português, CV, com a queda da segunda consoante da forma *pra*, surgindo um terceiro alomorfe: *pa*.

Nesta seção, tratamos da história e do estatuto fonológico da preposição *para*, com base em alguns autores. Na próxima seção, descrevemos os objetivos (geral e específico) desta pesquisa.

2.1 OBJETIVOS

Este trabalho pretende investigar a variação da preposição *para/pra/pa* na cidade de Londrina/PR com base na Teoria da Variação, de William Labov. Mais especificamente, temos o objetivo de verificar se há motivações linguísticas e/ou sociais para a ocorrência desse fenômeno de variação.

2.2 HIPÓTESES

As hipóteses que norteiam este trabalho são as que seguem.

1. A forma padrão *para* ocorreria em proporção menor do que a variante *pra* e *pa*, na fala de indivíduos de Londrina, assim como acontece em outras regiões do Brasil. Pesquisas, em outras regiões do País, apontam para o uso mais frequente da forma reduzida, caracterizando um processo de mudança em curso no português brasileiro.
2. As formas reduzidas *pra* e *pa* podem estar motivadas por um grau de escolaridade mais baixo do indivíduo, tendo em vista que é típico da língua falada coloquial e não cuidada.
3. A variante *para*, com acento na penúltima sílaba, quando reduzida para *pra* ou *pa* altera seu estatuto prosódico, tornando-se uma sílaba sem acento e uma forma

dependente. Como tal, a preposição reduzida unir-se-ia à palavra que inicia com vogal átona.

3 METODOLOGIA: A TEORIA DA VARIAÇÃO E SUA OPERACIONALIZAÇÃO

A metodologia adotada para investigação da variação da preposição *para* é a Teoria da Variação e Mudança Linguística, modelo teórico-metodológico de análise proposto por Labov, Weinreich e Herzog na década de 1960. Este modelo analisa a variação linguística tendo a fala como objeto de estudo. De acordo com essa teoria, a variação faz parte da língua e pode sofrer interferências linguísticas e/ou sociais que condicionariam a escolha de uma forma variável em detrimento de outra.

Até então, nenhuma corrente havia se proposto a investigar a variação como um fenômeno inerente à língua. O Estruturalismo de Saussure e o Gerativismo de Chomsky não negavam a existência de variedade; no entanto, não se propuseram a estudar a língua pelo componente social. O motivo do surgimento de uma nova proposta se justifica exatamente por sempre haver existido variação e mudança na fala, sistematizadas na cabeça do falante nativo (Tarallo, 2012).

A Teoria da Variação tem como objetivos: analisar e sistematizar a heterogeneidade da língua, que varia sempre de forma condicionada e coerente, nunca de forma aleatória; descrever o funcionamento da língua a fim de descobrir interferências da fala na escrita; observar quais são as variantes de prestígio e as estigmatizadas em determinadas sociedades. Para isso, os seus fundadores concluíram que seria necessária uma pesquisa profunda e metódica para combinar dados que lhes possibilitasse descobrir por que determinada pessoa de determinada idade, escolaridade e região falava diferentemente de outra(s) com características opostas.

Considerando-se a variabilidade como característica inerente a qualquer língua, é natural o desejo de procurar explicações para a questão da escolha de um falante por uma forma em vez de outra (Brescancini, 2002, p. 14). De acordo com a autora, essas explicações começaram a se revelar com o surgimento da Sociolinguística, nos anos 1950, quando as ideias de linguistas e sociólogos começaram a ser reunidas por uma perspectiva de análise de questões como o lugar da língua na sociedade e o contexto social da diversidade linguística (Romaine, 2001, *apud* Brescancini, 2002, p. 14).

A partir da nova concepção gerada pela Teoria da Variação Linguística, de Labov, confirmou-se que as escolhas entre sons, palavras ou estruturas distintas não ocorreriam de forma aleatória, por pura vontade do falante, mas sim obedecendo a um padrão sistemático, com *regras variáveis*. Tarallo (2012, p. 8) afirma que, às diferentes formas de se dizer a

mesma coisa, em um mesmo contexto, dá-se o nome de *variantes linguísticas*. Um conjunto de variantes forma uma *variável linguística*.

Labov inicia suas investigações sistemáticas, baseando-se no método da “Sociolinguística Quantitativa”, modelo este que opera com números e tratamento estatístico de dados coletados. Seu primeiro estudo foi em 1963, sobre a centralização do ditongo *au~ay* no inglês falado na ilha de *Martha’s Vineyard*, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos).

Para se fazer um estudo de regra variável, Brescancini (2002, p. 15) orienta que, em primeiro lugar, se defina a *variável dependente*, que é o fenômeno linguístico variável a ser investigado. É preciso realizar um levantamento de todas as variantes possíveis para a variável em questão. Existem as variáveis dependentes binárias, que são formadas por duas variantes, e as eneárias, com três ou mais variantes, caso em que se deve delimitar, segundo a autora, qual delas será investigada.

No caso da preposição *para*, há, na fala do português brasileiro atual, formas variantes como *pra*, *pa*, que são utilizadas de forma variável. Por exemplo, *Vou para/prapa casa*. Neste modelo de análise, *para* é uma regra variável que possui diferentes formas de manifestação fonética, que seriam condicionadas por algum aspecto linguístico e/ou social.

Definida a variável dependente, é preciso definir as *variáveis independentes*, que são as hipóteses iniciais, formuladas pelo pesquisador sobre os condicionamentos que espera encontrar. Esses condicionamentos podem ser linguísticos, como o contexto fonológico precedente ao fenômeno analisado, ou sociais, como o grau de escolaridade do informante. Os fatores condicionantes das variáveis independentes podem se mostrar favoráveis para a atuação de uma variante ou não.

Após a definição das variáveis independentes, segundo Brescancini (2002) é preciso passar ao próximo passo para o estudo de regra variável, que consiste em delimitar a amostra e obter os resultados. Para isso, pode-se selecionar material já coletado em bancos de dados de fala ou ainda realizar as próprias entrevistas. Independentemente da decisão, é essencial utilizar certos critérios para a seleção dos informantes, a fim de constituir uma amostra mais representativa possível. Esses critérios devem estar relacionados a informações sobre fronteiras geográficas e sociais da comunidade de fala, relevância da idade, sexo ou presença de grupos étnicos que apresentem determinadas variantes de fala, por exemplo. Também é importante selecionar pessoas da comunidade que tenham nascido ou vivido a maior parte de suas vidas na cidade eleita, para que sejam representativas étnico/culturalmente do lugar em

que vivem. Assim, existe a possibilidade de os resultados obtidos para uma pequena quantidade de informantes poderem representar toda a sua comunidade de fala.

Para tomar a decisão sobre a quantidade de informantes necessária para que a amostra represente bem a comunidade de interesse, o pesquisador pode adotar a técnica de multiplicar o número total de fatores de cada grupo social. No caso das variáveis sociais delimitadas para a nossa pesquisa, têm-se os seguintes fatores:

Variáveis Sociais	Fatores de cada variável
Sexo	Feminino
	Masculino
Idade	– de 50 anos
	+ de 50 anos
Escolaridade	Até 4 anos de estudo
	Até 11 anos de estudo

Tabela 1 – Ilustração de células sociais conforme nossa amostra. Fonte: a autora.

A equação baseada nos dados da ilustração acima é $2 \times 2 \times 2 = 8$. O resultado representa o número de células que serão preenchidas de acordo com as características dos falantes pertencentes à amostra, ou seja, neste caso, configura-se um indivíduo de cada célula. Haverá, na amostra, por exemplo, uma célula composta por uma mulher com – de 50 anos e até quatro anos de estudo. Também é importante observar a distribuição de informantes por células sociais: se houver apenas uma pessoa com determinado grupo de características para cada célula, pode ser que a amostra não represente bem o comportamento de todos os indivíduos de determinada localidade, alerta Brescancini (2002, p. 18).

Embora se recomende que se tenha mais de um informante para cada célula, por questão de tempo para a confecção deste trabalho, optou-se por analisar um informante de cada tipo. A audição de entrevistas, seguida da codificação dos dados e a análise estatística demandam muitas horas de trabalho.

Definida a amostra, deve-se proceder à audição das entrevistas e anotar como o informante realiza o dado alvo. No fenômeno analisado por nós é preciso extrair enunciados inteiros com a preposição *para*, incluindo contexto precedente e seguinte, e marcar qual foi a variante eleita pelo entrevistado, se *para/prá/pa*.

Para sistematizar todos os dados coletados e relacioná-los a cada grupo de variáveis independentes, deve-se atribuir a cada fator um código para facilitar a quantificação. Pode ser uma letra, um número ou mesmo um símbolo. Esses códigos, utilizados no programa estatístico VARBRUL, são digitados em ordem previamente estabelecida conforme os grupos de fatores. Com esse programa, pode-se quantificar os dados e se obter um produto final, a *rodada*, com resultados preliminares que devem ser analisados posteriormente pelo pesquisador. A codificação completa, criada para nossa análise, se encontra em uma tabela na seção ANEXO¹ deste trabalho.

A seguir, exemplificamos essa codificação a partir de um grupo de fatores de nosso *corpus*:

GRUPO 5: NÚMERO DE SÍLABAS DO ITEM SEGUINTE

Código 6: 1 sílaba → 1vdti6sFx-4R *ele nomeou ela pra ser a presidente*

Código 7: 2 sílabas → 1vkoi7sFx-5E *dá pra ganhar um pouquinho*

Código 8: 3 sílabas → 2ndoi8sFx+5Z *A Dione mudou pa Londrina*

Código 9: 4 ou mais sílabas → 1nmoi9sFy-5O *É o principal que forma pra magistério*

Código X: Nada (pausa) → 1!3XrX[Fy-5O *Fazer entrevista com o pessoal pra...*

Ao realizar a digitação dos códigos, deve-se voltar a atenção diretamente para a palavra alvo; no caso de nossa pesquisa, a preposição *para* ou suas variantes. Cada enunciado com a preposição é considerado um dado. Este dado é codificado com base nos fatores levantados como possíveis condicionadores, como se vê na ilustração a seguir:

1vdti6sFx-4 *ele nomeou ela pra ser a presidente*

O código “1” marca que a variante aplicada foi: *Pra*;

O código “d” marca o contexto fonológico seguinte: *Consoante Dental [s]*;

O código “-” marca a idade da informante: *- de 50 anos*;

O código “4” marca a escolaridade da informante: *Até 4 anos*.

¹ A codificação completa está disponível em uma tabela no ANEXO A.

É comum ainda, de acordo com Tarallo (2012), incluir novos grupos e/ou subfatores durante o trabalho, por mais que se faça um projeto-piloto inicial e teoricamente completo. No decorrer da análise, deparamo-nos com contextos imprevisíveis de fala que requerem novas classificações a fim de se realizar um estudo mais preciso e completo.

Feita a classificação de cada fator linguístico e social, utiliza-se o programa computacional VARBRUL através do qual se pode obter a frequência e a distribuição de cada variante para cada fator linguístico e extralinguístico. Esta análise quantitativa permite que o pesquisador obtenha uma estatística das variáveis independentes mais influentes na aplicação do fenômeno, com percentual de uso e peso relativo, valor entre 0 e 1 que resulta de um algoritmo realizado pelo programa. O peso relativo não varia conforme a quantidade de dados, sendo considerados significativos os valores a partir de 0,50.

Após a digitação de todos os códigos, realiza-se a rodada estatística e se inicia a interpretação dos resultados. Esta é a etapa mais importante, pois exige capacidade de julgar a relevância dos percentuais e pesos relativos apresentados pelo programa, possivelmente reorganizar fatores e hipóteses e, então, realizar novas rodadas.

Devido ao caráter quantitativo de um programa estatístico, é indispensável realizar uma interpretação detalhada de cada rodada para corrigir possíveis problemas gerados pelo programa, como células vazias ou irrelevância de certos grupos de fatores. Neste caso, os grupos com poucos dados ou nenhum dado (os *knockouts*) podem ser excluídos da análise. Também existe a opção de refinar a análise a partir da junção de alguns fatores com poucas ocorrências e que possam apresentar condicionamento semelhante para a realização da variante analisada. A esse processo dá-se o nome de *amalgamação*. Feitas as amalgamações necessárias, realiza-se uma nova rodada.

3.1 AMOSTRA

O Projeto VARSUL (Variação Linguística do Sul do Brasil) é um banco de dados de língua falada que reúne gravações de fala corrente de quatro cidades representativas étnico e culturalmente de cada estado que forma a região Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tem por objetivo geral a descrição do português falado com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná.

O Projeto VARSUL também tem como propósito oferecer subsídios para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas, condições para formação de novos pesquisadores e para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas. Maiores detalhes podem ser obtidos no site <http://varsul.org.br>.

Os dados utilizados foram obtidos da cidade de Londrina/PR, coletados pelo projeto VARSUL nos anos 1990. Foram selecionados 8 informantes, estratificados por sexo (4 homens e 4 mulheres), idade (- de 50 e + de 50 anos) e escolaridade (primário e 2º grau, adaptada por nós para “até 4 anos” e “até 11 anos” de estudo).

Na Tabela 2 constam as características dessa estratificação.

Informantes	Sexo	Idade		Escolaridade
LDN 01	Feminino	- de 50	44 anos	Até 4 anos
LDN 06	Feminino		25 anos	Até 11 anos
LDN 07	Feminino	+ de 50	56 anos	Até 4 anos
LDN 12	Feminino		52 anos	Até 11 anos
LDN 13	Masculino	- de 50	35 anos	Até 4 anos
LDN 18	Masculino		30 anos	Até 11 anos
LDN 19	Masculino	+ de 50	50 anos	Até 4 anos
LDN 23	Masculino		67 anos	Até 11 anos

Tabela 2 – Estratificação dos informantes por sexo, idade e escolaridade. Fonte: a autora.

3.2 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Foram controladas as variáveis linguísticas *contexto morfológico seguinte*, *contexto fonológico seguinte*, *tonicidade da sílaba seguinte*, *paralelismo*, *número de sílabas do item seguinte*, *posição em relação a pausas e processo de sândi² com a sílaba seguinte*; e as variáveis extralinguísticas *sexo*, *idade* e *escolaridade*.

² De acordo com Bisol (*in* Brescancini, 2002, p. 232), sândi é o processo que ocorre quando entram em contato duas palavras, uma terminada por vogal e outra por vogal iniciada. Essa junção causa um choque dos núcleos silábicos, o que desfaz a sílaba final da primeira palavra e gera uma ressilabificação entre as duas palavras.

3.2.1 Variável Dependente

Neste trabalho, a variável dependente escolhida para a análise de condicionamento linguístico e/ou social é a variante *pra*. Esta forma será controlada, na análise, estatística, como a variante de aplicação da regra variável da preposição *para*. A variável dependente controlada é a preposição *para*, que também pode ser realizada como *pra* ou *pa* no português brasileiro. Por ter três variantes, é considerada uma variável eneária. A delimitação da variável a ser estudada requer um levantamento de todo o grupo de variantes possíveis, já que os objetivos de análise de certos pesquisadores podem ser totalmente distintos, ainda que estejam investigando fenômeno semelhante. Por exemplo, pode-se investigar tanto o apagamento de *-r* em final de palavra, quanto sua pronúncia como retroflexo no mesmo contexto.

3.2.1.1 Variáveis Independentes Linguísticas

Quando estudamos uma Regra Variável pela perspectiva da Teoria da Variação, é necessário conduzir a pesquisa buscando possíveis motivações para a realização de uma variante em detrimento de outra. Para isso, faz-se necessário estabelecer alguns aspectos de análise tanto de ordem linguística, quanto de ordem social, que podem servir como fatores condicionadores ou não da aplicação de regras. A possibilidade de uma classe gramatical ou um som específico – que preceda ou suceda a variável em questão – condicionarem uma forma em detrimento de outra pode ser medida pelo seu número de ocorrências nos dados utilizados.

A seguir, descreveremos cada variável independente utilizada em nossa pesquisa.

A variável *contexto morfológico seguinte* foi subdividida em oito fatores: *nome*, *verbo*, *numeral*, *pronome*, *artigo*, *conjunção*, *advérbio* e *nada* (quando não há contexto morfológico seguinte, como, por exemplo, uma interrupção na fala). Foi eleita com o objetivo de se localizar um possível condicionamento para a realização de *para*, *pra* ou *pa* conforme a classe gramatical da palavra seguinte. Pode ser que uma sequência de verbo ou substantivo motive mais significativamente a variação do fenômeno em questão do que um advérbio ou um numeral, como apontam os resultados de Maya (2004).

A variável *contexto fonológico seguinte* tem nove subdivisões: *vogal posterior*, *vogal central*, *vogal anterior*, *consoante labiodental*, *consoante velar*, *consoante bilabial*, *consoante dental*, *consoante palatal* e *pausa* (quando não há contexto fonológico seguinte, como uma interrupção ou pausa na fala, por exemplo). Visto que nosso estudo se concentra em um fenômeno de ordem não apenas morfológica, mas também fonológica, consideramos essencial observar o som imediatamente posterior à preposição *para/prá/pa*. Fenômenos como sândi e elisão, por exemplo, muitas vezes estão relacionados a uma motivação prosódica para a variação, de acordo com Bisol (2000).

A *tonicidade da sílaba seguinte* foi subdividida em quatro fatores: *tônica*, *átona*, *clítica* e *nada* (quando inexistia qualquer sequência de fala). Acredita-se que esses fatores devem ser analisados para se descobrir uma possível influência prosódica na ocorrência do fenômeno de variação.

A variável *paralelismo* apresenta, para a preposição estudada, as classificações *ocorrência isolada*, *primeira da série*, *antecedida de pra*, *antecedida de pu* e *antecedida de pa*. É investigada a possibilidade de uma ou mais de uma ocorrência no mesmo período – considerando também a variante antecedente e a sucedente – exercer influência na escolha da variante em questão, assim como testou Maya (2004) em seu estudo.

Em *número de sílabas do item seguinte*, temos *1 sílaba*, *2 sílabas*, *3 sílabas*, *4 ou mais sílabas* e *nada* (quando inexistia qualquer sequência de fala). Bem como a *tonicidade da sílaba seguinte*, acredita-se que a quantidade de sílabas da palavra que segue a preposição estudada possa influenciar prosodicamente a sua variação, uma vez que a passagem de *para* a *pra* modifica a estrutura de duas sílabas para uma sílaba, conforme Bisol (2000).

Na variável *posição em relação a pausas*, marcamos os fatores *sem pausas*, *depois de pausa*, *antes de pausa* e *entre pausas*. Espera-se descobrir se determinadas variantes são realizadas dependendo de pausas que elas precedam, sucedam ou mesmo quando ocorram entre duas.

A última das variáveis linguísticas definidas, *processo de sândi com a sílaba seguinte* funciona no contexto de sândi entre a preposição *para/prá/pa* e o artigo que a sucede (a, o, as, os). Surgiu pela necessidade de uma análise mais precisa, quando a classificação dos dados já estava em andamento. Foi dividida em seis casos: *Com artigo “a” no plural (pra + as = pras)*, *Com artigo “o” no plural (pra + os = prus, pus)*, *Com artigo “a” no singular*

(*para/prá + a = pra, pá*), Com artigo “o” no singular (*pra/pá + o = pru, pu*), *Pra + palavra com duas sílabas (pra + você = p’cê)* e *Nada (sem sândi)* – porque não há artigo após a preposição.

3.2.1.2 Variáveis Independentes Extralinguísticas

Foi utilizada a variável *sexo*, masculino e feminino, a fim de verificar se o fato de um informante ser homem ou mulher teria relevância para a escolha de uma ou outra variante. Sabe-se que as mulheres costumam utilizar as variantes inovadoras, como reforça Maya (2004).

Utilizaram-se duas faixas etárias com base no critério de classificação de *idade* do Projeto VARSUL: – de 50 anos e + de 50 anos. Espera-se descobrir se o fato de um informante ser mais jovem ou mais velho teria relação com a eleição de uma e não outra forma. De acordo com Tarallo (2012), a idade pode ser um critério de análise importante para a questão da mudança linguística: os falantes mais jovens, ao escolherem formas mais inovadoras, indicam mudança em progresso.

A *escolaridade* foi dividida em *Até 4 anos* e *Até 11 anos* – adaptação feita da classificação *Primário* e *2º grau* do Projeto VARSUL. Foi analisado se a quantidade de anos de escolarização de cada informante exerceria influência em sua escolha por uma das variantes. Consideramos a hipótese de que este fator possa influenciar a escolha da forma mais inovadora *pa* em falantes com menor escolaridade, já que essa variante está mais distante da ortografia padrão, *para*.

Na próxima seção procederemos à apresentação de outros trabalhos que tratam da variação da preposição *para* no português falado brasileiro.

3.3 REVISÃO DA LITERATURA

3.3.1 O estudo de Maya (2004)

Alguns estudos variáveis, com base em dados da língua falada, têm abordado este caso de variação com a preposição *para*. Segundo o modelo teórico da Teoria da Variação, exposto na seção 3 deste trabalho, a variação linguística é entendida como inerente à língua, ordenada, sistematizada e condicionada por fatores linguísticos e sociais. No caso da preposição *para*, pode-se ver, nos estudos descritos a seguir, alguns destes fatores condicionadores.

O estudo de Maya (2004), intitulado “A *Variação da Preposição para na Fala de Porto Alegre/RS*”, propõe estudar a variação da preposição *para* na fala portoalegrense a partir da perspectiva da Teoria da Variação. Apresenta pesquisa feita com 24 informantes de Porto Alegre entrevistados pelo Projeto Variação Linguística da Região Sul (VARSUL) na década de 1990.

As variáveis sociais controladas foram sexo, escolaridade e idade, e as linguísticas, contexto morfológico precedente e seguinte, contexto fonológico seguinte, tonicidade da sílaba seguinte, número de sílabas do item seguinte, posição em relação a pausas e paralelismo formal.

Nos resultados, foram obtidos 2034 dados, sendo 62% de ocorrências da forma *pra*, 36% de *pa* e apenas 2% de *para*. Como fator linguístico condicionador de *pra* e *pa*, destacou-se o Contexto Morfológico Seguinte: Verbo – *coisa para falar* (.59) e Nome – *fui pra/pa avenida* (*pra* .37 e *pa* .46).

A baixa ocorrência da forma padrão *para* gerou a decisão de dar ênfase à análise binária de *pra* e *pa*. Na rodada binária que considerava *pa* como variável dependente, o fator selecionado pelo programa como mais influente foi *Escolaridade*. Esta pesquisa adotou a divisão etária do banco de dados utilizado, o do Projeto VARSUL: *Primário* (de 1 a 4 anos), *Secundário* (de 9 a 11 anos) e *Superior*.

Na tabela 3, pode-se verificar o papel da escolaridade no uso de *pa* em relação a *pra*:

	N	%	peso relativo
primário	253/699	36	0,49
secundário	212/697	48	0,61
superior	196/684	29	0,40
Total	741/1992	37	
Input: 0,38	Significância: 0,004		

Tabela 3 – A influência da escolaridade na escolha de *pa* em relação a *pra* na fala de Porto Alegre. Fonte: Maya (2004)

Analisando a Tabela 3, percebe-se que a forma inovadora *pa* tem mais ocorrências de informantes com menos escolaridade (36%) do que daqueles com mais escolaridade (29%). Entretanto, é o nível secundário (48%) que se apresenta mais favorável ao uso da variante *pa*.

O segundo fator selecionado pelo programa como mais favorável ao uso da variante *pa* foi o *Contexto Morfológico Seguinte*. Primeiramente, Maya havia dividido este grupo de fatores em: substantivo, adjetivo, pronomes pessoais, demais pronomes, verbo e demais classes gramaticais. No entanto, devido a influências semelhantes que algumas dessas classes de palavras exerciam, decidiu-se amalgamar numerais, advérbios, pronomes pessoais e demais classes gramaticais (artigos, conjunções etc.), passando a denominar este grupo como “Outros”, e manter os grupos Verbo e Nome. Ao concluir que tanto Verbo quanto Nome exerceriam igual influência na escolha de *pa* em relação a *pra*, devido ao mesmo percentual (43%) e peso relativo praticamente idênticos, o autor resolveu amalgamar os dois fatores em um só.

Na tabela abaixo, consta o percentual e o peso relativo da influência de verbos e nomes para a realização da variante inovadora *pa*:

	N	%	peso relativo
verbos e nomes	518/1203	43	0,55
outros	212/697	30	0,42
Total	730/1900	38	

Input: 0,38 Significância: 0,009

Tabela 4 – A influência do contexto morfológico seguinte na escolha de *pa* em relação a *pra* na fala de Porto Alegre. Fonte: Maya (2004)

A conclusão de Maya sobre a influência do Contexto Morfológico Seguinte é que a forma *pa* tem mais ocorrências quando é seguida de uma palavra lexical (nomes e verbos, 0,55) e menos ocorrências quando é seguida de uma palavra gramatical (0,42).

3.3.2 O estudo de Silva (2010)

Com a pesquisa “*A Preposição para e suas Variantes no Falar Araguaquinense*”, Silva buscou observar, também se baseando na Teoria da Variação e Mudança Linguística, se a variação de *para/prapa* ocorria por motivações linguísticas e/ou sociais na fala de Araguaquins/TO.

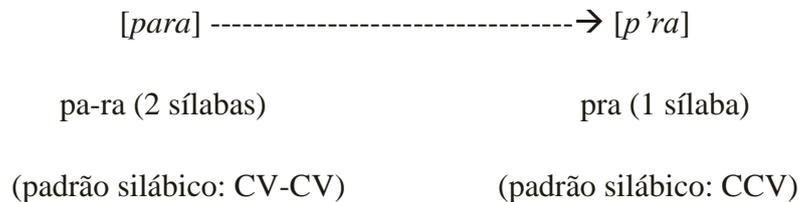
A autora utilizou um *corpus* de 36 entrevistas, coletadas pelo Projeto VALTINS (Variação Linguística no Estado do Tocantins), cujos informantes foram estratificados igualmente por *sexo*, *idade* e *escolaridade*. As variáveis linguísticas testadas foram *contexto fonológico seguinte*, *paralelismo formal*, *pausa* e *presença de vibrante no item seguinte*. Sua principal hipótese era a de que a variante padrão *para* teria mais uso entre informantes mais escolarizados, enquanto que as variantes não-padrão *pra* e *pa* teriam mais ocorrências entre informantes de média ou baixa escolaridade.

Silva cita Lucena (2001), quem sugere que Faraco & Moura e Bechara seriam mais inovadores do que outros gramáticos por haverem registrado a forma não-padrão *pra*, mas que

ignoraram, no entanto, a forma inovadora *pa* – a mais estigmatizada de todas. Lucena também afirma: “Como nem todas as diferenças são sinais de mudança, algumas delas decorrem de características próprias da oralidade em oposição àquelas próprias da escrita.” (*apud* Silva, 2010, p. 18).

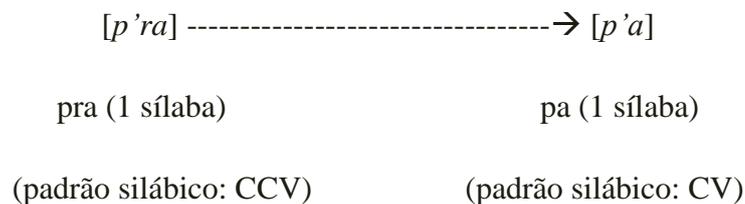
Com respeito ao fenômeno de variação *para~pra~pa*, Silva afirma que podem ser observados dois processos de supressão: no primeiro, ocorre uma síncope da vogal central /a/, o que gera a queda de uma sílaba e, portanto, a nova estrutura silábica CCV (consoante/consoante/vogal).

Silva (2010, p. 19) representa a constituição silábica da variação *para/pa* da seguinte forma:



A preposição *para*, palavra com duas sílabas CVCV, passa por um processo de supressão que resulta na forma *pra*, palavra com uma sílaba padrão CCV.

A seguir, reproduz-se a constituição silábica da variação *pra/pa* conforme Silva (2010, p. 19):



O segundo processo consiste em uma síncope da vibrante /r/ na forma monossílaba “pra”, transformando o padrão silábico CCV (consoante/consoante/vogal) novamente em CV (consoante/vogal). Assim, o resultado é a forma monossílaba “pa”.

Nos resultados da pesquisa, Silva anuncia que a versão do programa estatístico utilizado, GOLDVARB, não permitia que fossem rodadas as três variantes juntas. Assim,

realizou rodadas binárias: primeiro, com *para~pra*, depois com *para~pa* (por *para*, forma padrão, ser “a mais prestigiada”, segundo ela).

De um total de 3210 dados, a forma padrão *para* teve 35 ocorrências (1%); *pra* teve 1852 (54%) e *pa*, 1323 (45%). Devido à insignificância do percentual de *para*, foi feita uma nova rodada binária com *pra~pa*. Desta vez, os resultados apontaram, como influentes para a realização da variante *pra*, os seguintes fatores, em ordem de relevância: 1º: *Contexto Fonológico Seguinte* - dorsal (0.53), vogais anteriores (0.60) e vogais posteriores (0,66); 2º: *Escolaridade* - Alta (0.61); 3º: *Faixa Etária* -- + de 49 anos (0.56); Sexo - Mulher (0.53).

Na análise da variável *Contexto Fonológico Seguinte*, foram consideradas alterações de velocidade, especialmente em relação a pausas – que seriam um fator inibidor de supressão, por diminuírem a velocidade da fala. Contrariando as vogais anteriores e posteriores, a vogal central se mostrou mais favorável à realização da variante *pa*, com peso 0.34.

Uma questão interessante pode ser observada nos resultados da variável *Faixa Etária*: ainda que a faixa mais alta (+ de 49 anos) tenha sido a que mais realizou a forma *pra*, em segundo lugar está a faixa etária de 15 a 25 anos, e não a intermediária, de 26 a 49. De acordo com Silva, a explicação pode estar no fato de que a faixa etária mais baixa sofre influência do ambiente escolar, que costuma apresentar a forma mais padrão (neste caso, trata-se de *pra* em vez de *pa*). Assim, os mais jovens realizam menos a forma *pa* (0.45) do que os informantes da faixa intermediária (0.54), que apresentam o percentual mais alto desta variante.

3.3.3 O estudo de Gazola (2008)

O estudo “*A Estrutura Prosódica da Preposição para*” foi publicado por Gazola em 2008 na revista *Uniletras*, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O objetivo geral da pesquisa é mostrar que as palavras de categorias funcionais – especificamente, as preposições – apresentam características fonológicas diferentes das palavras de categorias lexicais.

Como objetivo específico está o estudo da preposição *para*. A autora apresenta a hipótese de que a forma *pra* não apareceria em final de sentença, mais especificamente, em sentenças do tipo interrogativa completa; ou seja, sem complemento, conforme exemplo abaixo:

Ele foi *para*?

E não

Ele foi *pra*?

Para constatar sua hipótese, Gazola realizou experimento, com seis informantes, que busca descobrir suas preferências em relação aos dois tipos de enunciados acima. Além disso, a autora se propõe a fazer uma descrição da estrutura prosódica de *para* no contexto acima, para verificar como e em que circunstâncias esta preposição se organiza dentro das palavras prosódicas da sentença. A partir de então, o objetivo é comprovar que tal palavra funcional pode aparecer tanto em uma forma fraca de acento como em uma forma forte, dependendo de sua posição na frase.

A metodologia utilizada consiste em propostas de Guglielmo Cinque (1993), Elisabeth Selkirk (1995) e Marina Vigário (1999), que tratam de descrever estratégias de focalização na língua, a partir da interação entre Sintaxe e Fonologia.

Para a realização do experimento, foram coletadas oito sentenças escritas em que a preposição *para* aparece em final de frase:

- (1) O valor do frango vai diminuir *para*?
- (2) Vamos *para*?
- (3) Maria voltou *para*?
- (4) As crianças saíram *para*?
- (5) Meu filho viajou *para*?
- (6) Pedro foi transferido *para*?
- (7) Queriam partir *para*?
- (8) O progresso caminha *para*?

As sentenças escritas foram apresentadas aos seis informantes – todos falantes de língua portuguesa – para que eles aceitassem ou rejeitassem a forma *para* na posição final. Se rejeitassem, seria considerado que aceitariam automaticamente as mesmas sentenças com a preposição reduzida *pra*. O próximo passo, então, seria a apresentação de pares de sentenças que se opunham pela forma da preposição *para*, reduzida ou não.

O resultado do experimento aponta para a predileção pela forma padrão *para* no final de sentença, e não por sua forma reduzida. Em um total de 48 tentativas, as oito sentenças terminadas em *para*, apresentadas aos seis falantes, foram rejeitadas apenas 10 vezes,

resultando em um total de 20% de rejeição, percentual relativamente baixo. Especificamente sobre cada uma das frases, a sentença (1) foi rejeitada por um só falante; a (2), por dois falantes; a (3), por nenhum falante; a (4), por um falante; a (5), por três falantes; a (6), por três falantes e a (7) e a (8), por nenhum falante.

Assim, a hipótese inicial de Gazola é confirmada: a forma reduzida *pra* não aparece – ou aparece pouco, neste experimento – em final de sentença. Segundo a autora, pode-se concluir que a forma *pra* não é aceita em final de frase pelo fato de ser átona, por não se apresentar na forma de foco na sentença e, conseqüentemente, por não ser o constituinte mais à direita na sentença. Dessa forma, *pra* pediria um complemento, que fica faltando no caso de final de sentença.

Apesar de haver confirmado suas hipóteses, a autora reconhece que são necessários outras pesquisas mais aprofundadas para avançar no estudo da questão, já que seu experimento se valeu de uma quantidade bastante limitada de dados.

Apesar de não se tratar de um trabalho dedicado à análise de fala, como o nosso e os demais analisados, julgamos que poderia ser relevante mencionar a pesquisa de Gazola por também ter analisado a preposição *para* em um contexto de prosódia. No entanto, os resultados não serão comparados com os nossos, já que a autora utiliza uma metodologia distinta para realizar sua análise.

3.3.4 O estudo de Felgueiras (*apud* Maya, 2004, p. 16)

A pesquisa de Felgueiras, “*Análise da Variação no uso da preposição para*”, é um trabalho realizado na UFRJ em 1993. Devido à indisponibilidade do trabalho – possivelmente por ser um estudo antigo –, tanto em meio eletrônico como impresso, utilizaremos a referência feita pelo estudo de Maya (2004). A autora analisa possíveis influências para a escolha de variantes da preposição *para* na fala do Rio de Janeiro, como aspectos estilístico, prosódico, fonológico e discursivo. Maya não menciona as variáveis linguísticas controladas por Felgueiras.

Os bancos de dados utilizados foram dos Projetos NURC (informantes universitários) e PEUL³ (informantes de nível primário), com 14 informantes do NURC e 12 do PEUL, estratificados por sexo, idade, nível de formalidade e instrução.

Maya (2004, p. 16) afirma que, inicialmente, a autora pretendia realizar o estudo apenas com informantes universitários do NURC, ideia inviabilizada devido à baixa ocorrência da forma *pa* nessa amostra. A análise de condicionamentos para o uso dessa variante tornou-se possível, portanto, a partir da inclusão dos dados do PEUL.

De acordo com Maya, a amostra de Felgueiras conta com a seguinte distribuição:

1) Informantes do NURC:

- a) sexo: 7 homens e 7 mulheres;
- b) faixa etária: 8 de 26 a 49 anos, 6 com mais de 50 anos;
- c) nível de formalidade da fala: 6 de Elocução Formal (fala normal) e 8 de Diálogo entre Informante e Documentador (fala informal);
- d) nível de instrução: 14 de nível universitário;

2) Informantes do PEUL:

- a) sexo: 6 homens e 6 mulheres;
- b) faixa etária: 2 de 15 a 25 anos, 2 de 26 a 49 anos, 2 com mais de 50 anos;
- c) nível de formalidade da fala: 12 de fala informal;
- d) nível de instrução: 12 de nível primário.

Uma observação feita por Maya (2004) é que a amostra do NURC apresenta somente duas faixas etárias, enquanto a do PEUL tem três. Além disso, todos os informantes com nível primário apresentam fala informal, enquanto os universitários estão divididos em fala formal e informal. O autor também considera um problema que haja 20 informantes de fala informal e apenas 6 de fala formal, desequilíbrio que gera consequências negativas nos resultados da pesquisa.

De um total de 1954 dados, os resultados da análise de Felgueiras apontam 176 (9%) ocorrências da forma padrão *para*, 1436 (73%) da forma *pra* e 342 (18%) da forma *pa*. Maya

³ NURC: Norma Urbana Culta. PEUL: Programa de Estudos sobre o Uso da Língua.

observa que a autora, apesar de ter investigado a variável pa , não a incluiu em seu texto por não ter obtido resultados conclusivos.

Como não tivemos acesso ao estudo original de Felgueiras, já que se trata de um estudo antigo (1993), não compararemos seus resultados com os nossos e os dos demais trabalhos, justamente por estarem incompletas as informações que pudemos retirar da pesquisa de Maya, na seção de resultados.

No próximo capítulo procederemos à apresentação dos resultados e os compararemos aos dos demais trabalhos.

4 RESULTADOS DA ANÁLISE ESTATÍSTICA

4.1 DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES

Na análise eneária, de um total de 349 dados, obtivemos 257 (73.6%) ocorrências de *pra*, 90 (25.8%) de *pa* e apenas duas (0.6%) de *para*. O Gráfico 2 a seguir possibilita uma ilustração:

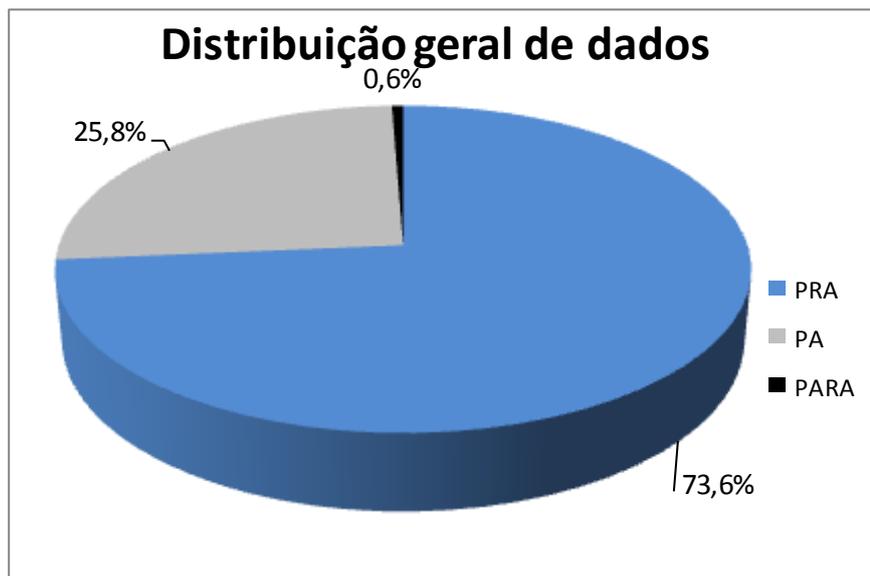


Gráfico 1 – Distribuição geral dos dados. Fonte: a autora.

A distribuição dos dados nos trabalhos sobre a variável *para/prapa* expostos no capítulo anterior se apresentou de forma distinta aos nossos resultados, conforme a tabela 5:

	para		pra		pa		total
	N	%	N	%	N	%	
Maya (2004)	42	2	1251	62	741	36	2034
Silva (2010)	35	1	1852	54	1323	45	3210
Gazola (2008)	38	80	10	20	---		48
Felgueiras (1993)	176	9	1436	73	342	18	1954
Ferreira (2014)	2	0,6	257	73,6	90	25,8	349

Tabela 5 – Distribuição de dados por variante em cada trabalho. Fonte: a autora

Na Tabela 5, vemos que todos os trabalhos, com exceção de Gazola (2008), obtiveram percentual insignificante de *para* e apresentam preferência pela variante *pra*. Os resultados mais próximos para essa variante foram o de Felgueiras e o nosso (aproximadamente 73%). A variante *pa* apresenta mais ocorrências na cidade de Araguaatins, em Silva (2010) (45%). A autora obteve a maior quantidade de dados (3210) entre todos os trabalhos.

Cabe uma ressalva a respeito do trabalho de Gazola (2008). A autora trabalhou com uma quantidade consideravelmente menor de dados em relação ao nosso e aos demais trabalhos, além de não utilizar dados de fala. A autora realiza um experimento que consiste em um teste no qual se apresentam a seis pessoas algumas sentenças terminadas sempre com a forma “*para*”. Essas pessoas deveriam dizer se as aceitavam ou rejeitavam. Ao rejeitarem “*para*”, automaticamente se concluía que a forma “*pra*” seria aceita – daí é que retiramos os dados relativos a esta variante, apresentados na tabela acima. A variante “*pa*” não foi estudada por ela.

Além disso, a pesquisa de Gazola é a única que não se baseia na perspectiva da Teoria da Variação, método de análise adotado pelos outros trabalhos. Gazola, como já foi descrito no capítulo anterior, segue as propostas de autores como Cinque (1993), Selkirk (1995) e Vigário (1999), os quais tratam de descrever estratégias de focalização na língua, a partir da interação entre Sintaxe e Fonologia.

Outra observação se refere ao trabalho de Felgueiras, abordada no estudo de Maya (2004). Apesar de ter investigado a variante *pa*, a autora não a incluiu em seu texto por não ter obtido resultados conclusivos.

Pode-se observar em todos os trabalhos, com exceção de Gazola, o que segue: 1) a variante *pra* foi a preferida pelos informantes; 2) a variante *pa* ficou em segundo lugar, com percentual mais baixo; 3) a forma padrão *para* apresenta poucas ocorrências, evidenciando que é uma variante em desuso.

No Gráfico a seguir pode-se visualizar, de forma mais clara, a comparação entre todas as pesquisas:

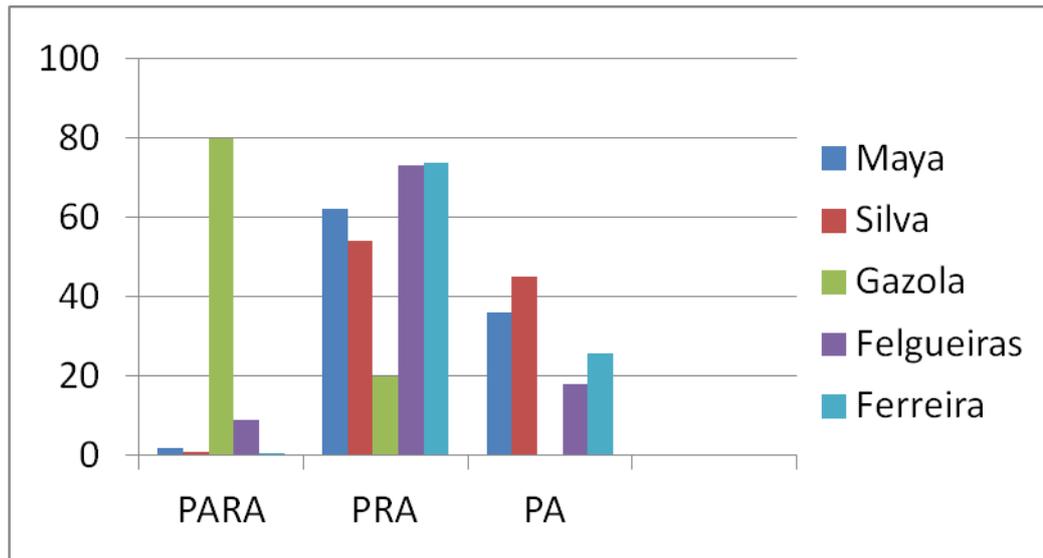


Gráfico 2 – Comparação dos Dados entre Pesquisas da variável *para*. Fonte: a autora.

O Gráfico 2 ilustra a distribuição dos resultados de *para/prá/pa* de cada trabalho, expostos na Tabela 5.

Excluindo-se a pesquisa de Gazola, podemos observar, pelo Gráfico 3, que a proporção de uso das variantes da preposição *para* é similar entre todas as pesquisas, sendo a variante *pra* a preferida.

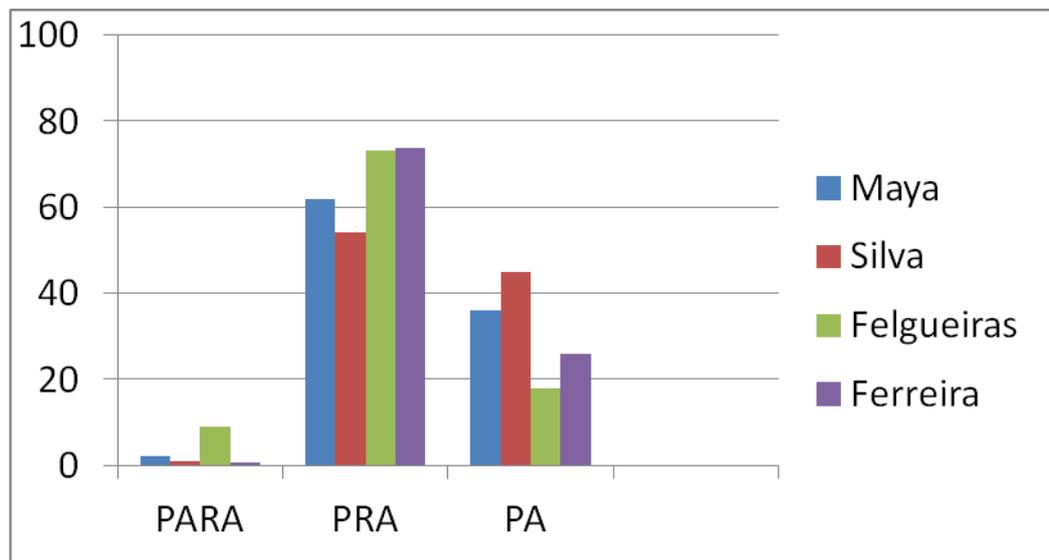


Gráfico 3 – Comparação dos Dados entre Pesquisas da variável *para* – exceto Gazola. Fonte: a autora.

4.2 PRA, como Variável Dependente

Ao confirmarmos nossa hipótese de que o percentual de ocorrências de *para* seria insignificante, decidimos realizar uma análise binária, definindo como variável dependente a variante *pra*. Considerando-se os 349 dados, o resultado da primeira rodada tinha apontado para 257 aplicações, com um percentual de 73,6%.

A Tabela abaixo dispõe os dados de maneira mais clara.

Aplicação/Total	%
257/349	73.6

Tabela 6 – Aplicação Geral de *pra* – primeira rodada. Fonte: a autora.

Do total de 349 contextos, houve 257 aplicações de *pra*, totalizando percentual de 73,6%.

Retirados alguns *knockouts*, o fator *Pausa* de alguns grupos – por terem gerado muitas células vazias no programa estatístico VARBRUL – e feitas algumas amalgamações, devido a percentuais muito baixos em vários grupos de fatores, realizamos uma nova rodada, da qual obtivemos os dados que constam na seguinte Tabela:

Aplicação/Total	%
216/298	72.5

Tabela 7 – Aplicação Geral de *pra* – com amalgamações. Fonte: a autora.

Desta vez, o total de contextos passou a 298 (por conta dos dados que foram eliminados), dos quais 216 foram realizados com a forma *pra*, totalizando 72,5%.

A seguir, procedemos à descrição das variáveis linguísticas selecionadas pelo programa VARBRUL como possíveis condicionantes para a ocorrência da preposição *pra*. Consideramos como aplicações de *pa* as ocorrências que não estão incluídas nos resultados da variável dependente *pra*, já que a variante *para* resultou baixa quantidade de ocorrências em nossa pesquisa. A ordem em que o programa selecionou as variáveis foi *Idade*, *Posição em Relação a Pausas* e *Sexo*.

4.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis linguísticas controladas neste trabalho basearam-se em estudos anteriores sobre o mesmo fenômeno. Descreveremos a seguir o resultado estatístico de todos os grupos de fatores examinados, independentemente se foram selecionados como significativos ou não pelo programa VARBRUL. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 214), é importante descrever inclusive os resultados não selecionados como significativos pela análise estatística, pois também representam uma descoberta. De acordo com os autores:

[...] a falta de relato sobre um assunto acaba sendo ambígua: pode indicar que ninguém jamais pensou em investigar tal assunto, ou que sim, alguém investigou e teve resultados sem significância. A prática de pesquisadores em variação linguística deve ser, então, a de sempre descrever os fatores investigados, deixando claro quais deles obtiveram significância, e também quais deles deram resultados sem significância.

4.3.1 Posição em Relação a Pausas

Inicialmente, este grupo estava dividido em quatro fatores: *Sem Pausas*, *Depois de Pausa*, *Antes de Pausa* e *Entre Pausas*. Nos resultados da primeira rodada houve apenas um caso *Entre Pausas* e poucos casos *Depois de Pausa* e *Antes de Pausa*. Por isso, foi preciso fazer uma nova subdivisão. Amalgamaram-se esses três fatores e se manteve o fator *Sem Pausas*, o qual liderou a quantidade de dados, com 264, dos quais 183 (69,3%) apresentaram a variante controlada. Os fatores examinados passaram a ser, então, contextos *Sem Pausa* e *Com Pausa*.

Seguem os novos resultados, após as amalgamações:

	Aplicação/Total	%	peso relativo
Sem pausa <i>foram pra nós</i>	170/246	69	0.45
Com pausa <i>la pra... pra praça</i>	46/52	88.5	0.72

Tabela 8 – Variante *pra* considerando *Posição em Relação a Pausas*. Fonte: a autora.

Mesmo o fator *Com Pausa* tendo sido amalgamado com outros fatores, este permaneceu com aproximadamente um quinto dos dados do fator *Sem Pausa* (246). Entretanto, somados, os contextos em que *pra* aparecia *Entre Pausas*, *Antes de pausa* e *Depois de pausa* passaram

a representar 88,5% (peso relativo de 0.72) dos dados, com 46 aplicações sobre um total de 52.

Diante do exposto, é possível inferir que haveria mais influência para uso de *pra* nos casos em que há pausa do que nos casos em que ela está ausente, fator que resultou 69% (peso relativo de 0.45) de ocorrências, com 170 aplicações.

Maya (2004) também obteve quantidade maior de dados para o fator *Sem Pausa* do que para os casos com pausa. O número de ocorrências de *pa*, variável dependente eleita pelo autor, foi maior neste fator (40%, peso relativo 0,53). Em seus resultados, primeiramente, obteve poucos dados para os fatores *Antes de Pausa* e *Entre Pausas*, com 12% (peso relativo 0,16) e 11% (peso relativo 0,11), respectivamente.

Devido ao fator *Entre Pausas* incluir *Antes de Pausa*, o autor resolveu amalgamá-los, passando a chamar o novo fator de *Antes de pausa, com ou sem pausa precedente*. Assim, realizou outra rodada, na qual o resultado do novo fator foi de 12% (peso relativo 0,16). Manteve-se o fator *Sem Pausa* e o anteriormente nomeado *Depois de Pausa*, modificado depois para *Depois de pausa, sem pausa seguinte* (32%, peso relativo 0,45).

Maya conclui que a variável *Posição em Relação a Pausas* se mostrou importante para um melhor entendimento deste fenômeno de variação, pois, segundo o autor, a presença de pausas bloqueia a redução da preposição, tanto em *para~pra~pa* quanto em *pra~pa*.

O estudo de Silva (2010) chegou a controlar esta variável. No entanto, não apresentou resultados referentes a este grupo de fatores por não ter sido selecionado pelo programa estatístico, conforme a autora.

4.3.2 Contexto Morfológico Seguinte

Inicialmente, este grupo de fatores estava subdividido em oito fatores: *nome, verbo, numeral, pronome, artigo, conjunção, advérbio* e *nada* (quando não há contexto morfológico seguinte, como uma interrupção na fala, por exemplo).

No entanto, devido às baixas ocorrências em contexto seguinte à preposição *pra*, os fatores *Numeral, Pronome, Artigo, Conjunção, Advérbio* e *Pausa* foram amalgamados entre si e reclassificados como “*Outros*”, além de se ter retirado um *knockout*, referente a somente quatro aplicações no contexto *Conjunção*.

A Tabela 9 mostra percentual e peso relativo de cada fator amalgamado deste Grupo.

	Aplicação/Total	%	peso relativo
Verbo <i>pra escutar</i>	76/105	72.4	0.51
Nome <i>pra casa</i>	57/86	66.3	0.39
Outros <i>pra mim, pra que</i>	83/107	77.6	0.57

Tabela 9 – Variante *pra* considerando o contexto morfológico seguinte. Fonte: a autora.

Os resultados expressos na Tabela 9 mostram dados distribuídos de forma praticamente equânime entre os fatores (105, 86, 107). Mesmo assim, observa-se uma aplicação maior de *pra* em verbos do que em nomes.

Entretanto, a categoria *Outros*, que engloba todos os casos de não-verbos e não-nomes, como conjunções, pronomes, numerais etc., mostrou-se mais significativa, em termos percentuais, para o uso de *pra*, o que talvez possa evidenciar que o *pra* não necessita “acoplar-se” a uma palavra lexical.

Maya (2004) obteve peso relativo praticamente igual para verbos e nomes (0,55 e 0,54, respectivamente), o que o levou a amalgamar estes fatores. O resultado final foi 43% (peso relativo 0,55) de ocorrências de *pa* precedendo *verbos e nomes* e 30% (peso relativo 0,42) para o fator *Outros* (numerais, advérbios, pronomes etc.). O autor conclui que a variante *pa* é favorecida quando é seguida de uma palavra lexical (nomes e verbos) e desfavorecida quando a ela se segue uma palavra gramatical. A partir desta comparação, conclui-se que tanto em nosso estudo quanto no de Maya, numerais, advérbios, artigos, pronomes etc. (palavras gramaticais) se mostram mais favoráveis à realização da variante *pra*.

Não foi possível comparar os resultados desta variável com os de Silva (2010) pelo fato de a autora não tê-la incluído em sua análise.

4.3.3 Contexto Fonológico Seguinte

As vogais posteriores, anteriores e central apresentaram quantidade baixa de contextos nos dados em relação às consoantes, sendo que a vogal anterior, com mais casos, apresentou maior influência para a realização de *pra*, bem como em Maya (2004). Ainda assim, os

diferentes tipos de vogais foram amalgamados por não apresentarem grande diferença, separadamente, em possível condicionamento que poderiam exercer.

As diferentes consoantes, examinadas também em sua maioria, não apresentaram diferença significativa de percentual e quantidade de dados – com exceção das *palatais* (*gente*), que apareceram apenas 16 vezes, contra quantidades de aproximadamente 50 casos na maioria dos fatores e 79 casos de *consoantes dentais* (*tentar*). Dessa forma, todas as consoantes foram amalgamadas em um só fator, por acreditarmos que não teriam relevância separadamente.

Segue a Tabela 10 com resultados desta variável examinada.

	Aplicação/Total	%	peso relativo
Consoante <i>pra confeccionar</i>	166/231	71.9	0.5
Vogal <i>pra andar</i>	50/67	74.6	0.5

Tabela 10 – Variante *pra* considerando o contexto fonológico seguinte. Fonte: a autora.

Mesmo após as amalgamações, percebe-se que o quadro não se alterou muito. Ainda que tenhamos uma diferença bastante alta na quantidade de dados de consoantes e vogais imediatamente após a preposição estudada, os percentuais de aplicação da variante *pra* resultaram parecidos e os pesos relativos, idênticos. Portanto, conclui-se não haver significância neste Grupo.

No estudo de Maya, as vogais posteriores favoreceram a forma *pa* e as não posteriores, a forma *pra*. As consoantes dentais, bilabiais e palatais favoreceram a escolha de *pa*, enquanto as labiodentais e as velares a desfavoreceram ou não exerceram influência. O autor conclui que as consoantes obstruintes favorecem a forma *pa*, ainda que julgue conveniente reclassificar as palatais, separando obstruintes de não obstruintes.

Já na pesquisa realizada por Silva (2010), as vogais anteriores e posteriores se mostraram relevantes para a ocorrência de *pra*, com pesos relativos de 0,66 e 0,60, respectivamente. Contudo, pode-se observar que a quantidade de dados obtidos pela autora no primeiro fator (71) foi menor do que no segundo (509), o que parece relativizar a influência

do primeiro caso. As consoantes dorsais, com peso relativo de 0,53, também se mostraram influentes para a escolha da variante *pra*.

4.3.4 Tonicidade da Sílabas Seguinte

Primeiramente, havíamos amalgamado os fatores *Clítico* e *Pausa*, formando o fator *Outros*. Depois, porém, eliminamos o fator de pausa e tomamos a decisão de também retirar o *Clítico*, devido à baixa ocorrência de *pra* nesse contexto. De 24 dados, concluimos que as 17 realizações de *pra* não poderiam ser consideradas significativas, apesar do percentual de quase 71%.

Obteve-se, portanto, o seguinte resultado, exposto na Tabela 11 que segue.

	Aplicação/Total	%	peso relativo
Tônica <i>pra baixo</i>	119/157	75.8	0.54
Átona <i>pra aproveitar</i>	97/141	68.8	0.45

Tabela 11 – Variante *pra* considerando a Tonicidade da Sílabas Seguinte. Fonte: a autora.

Este grupo apresenta dados relativamente equilibrados, com peso relativo de 0.54 para sílaba tônica e 0.45 para sílaba átona. A pequena diferença entre percentuais, de 7%, confirma que a tonicidade da sílaba posterior à preposição estudada exerce influência relativamente moderada na escolha da variante em questão.

Considerando-se que *pra* sofreu condicionamento maior em verbos do que em nomes, conforme Tabela 9 (0.51 contra 0.39, respectivamente), o fato de a sílaba seguinte quando tônica favorecer o uso de *pra*, suscita uma incongruência nos resultados. Se o verbo que seguir a preposição iniciar por sílaba tônica, como em “*pra pôr (...)*”, por exemplo, este tipo de categoria não poderia influenciar.

Esta aparente inconsistência pode ser explicada pelo fato de os verbos de nosso *corpus* (na forma de infinitivo) apresentarem, em sua maioria, acentos na última sílaba (*escutar*, *vender*, *partir*). Por conseguinte, não são os verbos que condicionariam a preposição *pra* em detrimento dos nomes, mas a sílaba seguinte ser tônica.

A Tabela 12 abaixo ilustra o cruzamento entre os grupos *Contexto Morfológico Seguinte* e *Tonicidade da Sílabas Seguinte*.

	Verbo Aplic. / %	Nome Aplic. / %	Outros Aplic. / %	Total Aplic. / %
Átona	58 73 T= 79	27 61 T= 44	12 67 T= 18	97 69 T= 141
Tônica	18 69 T= 26	30 71 T= 42	71 80 T= 89	119 76 T= 157
Total	76 72 T= 105	57 66 T= 86	83 78 T= 107	216 72 T= 298

Tabela 12 – Cruzamento entre *Contexto Morfológico Seguinte* e *Tonicidade da Sílabas Seguinte*. Fonte: a autora.

A Tabela 12 ilustra que a preposição *pra* foi seguida em maior parte (73%) por verbos átonos, nomes tônicos e palavras tônicas da categoria *Outros* (como conjunções, artigos, advérbios etc.).

Maya (2004) amalgamou *clíticos* e *átonas* e obteve, para o fator então nomeado simplesmente *Átona*, peso relativo de 0,56 para a variante *pa*. Já as sílabas tônicas representaram peso 0,45. Dessa forma, conclui-se que tanto o nosso quanto o seu estudo encontraram mais influência para a escolha de *pra* nas sílabas tônicas. Além disso, nos dois trabalhos, as sílabas átonas favorecem mais a variante *pa*, variável dependente controlada pelo autor.

Não foi possível comparar os resultados deste grupo com os da pesquisa de Silva (2010) porque a autora não analisou esta variável.

4.3.5 Paralelismo

Esta foi uma variável que gerou alguns problemas nas primeiras rodadas. Primeiramente, cogitamos a exclusão deste grupo de fatores, por ter gerado células vazias com outros grupos, como *Contexto Morfológico Seguinte*. Dois fatores apresentaram quantidade de dados muito baixa, sendo três em *Antecedida de pra* e apenas uma ocorrência em *Antecedida de pu*. Após a tentativa de amalgamá-los ao fator *Primeira da série*, acabamos optando por excluí-los dos dados, pois a baixa quantidade de ocorrências estava prejudicando a operacionalização do programa. Já o fator *Antecedida de pra* foi amalgamado ao fator *Primeira da série*, o que gerou, por fim, as variáveis *Sem paralelismo* (anteriormente referida como *Ocorrência isolada*) e *Com paralelismo*.

Segue a Tabela 13, referente aos resultados desta variável.

	Aplicação/Total	%	peso relativo
Sem paralelismo <i>Vou mudar pra Curitiba</i>	170/238	71.4	0.48
Com paralelismo <i>pra uma parte pra ele</i>	46/60	76.7	0.55

Tabela 13 – Variante *pra* considerando o *Paralelismo*. Fonte: a autora.

O resultado não aponta para um condicionamento claro deste grupo na realização da forma *pra*, pois os dois fatores apresentam pesos relativos próximos. O peso relativo e o percentual das ocorrências com *paralelismo* (0,55, 76,7%) são mais altos do que os mesmos dados nos casos sem paralelismo (0,48, 71,4%), mas a quantidade de dados com paralelismo se apresenta consideravelmente mais baixa (60) do que a quantidade de dados sem a ocorrência de paralelismo (238). Logo, não é possível fazer inferências sobre um condicionamento relevante para o fenômeno analisado.

Os resultados de Maya (2004) mostram um peso relativo de 0,57 para o fator *Antecedido de pa*, variante definida pelo autor como a variável dependente da análise. Conclui, portanto, que uma variante tem maior probabilidade de ocorrer quando, antes dela, a mesma variante tiver sido usada.

Silva (2010) chegou a controlar o Paralelismo em sua análise, mas não apresentou resultados por esta variável ter sido descartada pelo programa computacional, segundo a autora.

4.3.6 Número de Sílabas do Item Seguinte

Os dados desta pesquisa foram classificados partindo-se de cinco subdivisões neste grupo de fatores: *1 sílaba*, *2 sílabas*, *3 sílabas*, *4 ou mais sílabas* e *Pausa*. Como os três primeiros fatores apresentaram resultados aproximados entre si (70.8%, 75% e 66%, respectivamente), imaginamos que a realização da preposição *pra* não sofreria influência devido ao número de sílabas da palavra seguinte (independentemente de ser a primeira, a

segunda ou a terceira). Portanto, esses três primeiros fatores foram amalgamados, gerando os dados que constam na tabela abaixo. O fator *4 ou mais sílabas*, que primeiro havia sido amalgamado com os contextos de pausa, por fim permaneceu sozinho. O fator *Pausa*, em vez de seguir amalgamado ao fator *4 ou mais sílabas*, foi excluído dos dados por não representar o mesmo contexto daquele fator e pela baixa quantidade de dados.

Segue a Tabela 14, que expõe os resultados finais deste grupo de fatores.

	Aplicação/Total	%	peso relativo
Até 3 sílabas <i>pra ver, pra fora</i>	203/282	72	0.49
4 ou + sílabas <i>pra olaria, pra comunidade</i>	13/16	81.2	0.66

Tabela 14 – Variante *pra* considerando o *Número de Sílabas do Item Seguinte*. Fonte: a autora.

A disparidade entre os casos de palavras com uma, duas ou três sílabas e os de quatro ou mais sílabas pode ser vista na Tabela 14: 282 e 16 dados, respectivamente. Mesmo com tão poucos dados, o segundo fator mencionado apresenta percentual (81,2%) e peso relativo (0.66) mais altos do que o primeiro (72%, 0,49). Por isso, não pode indicar que exista uma motivação relevante, já que possui uma quantidade escassa de contextos.

O controle do número de sílabas da palavra que segue a preposição relaciona-se à distância de acento primário ou secundário presentes na palavra. Como *pra* parece ser favorecido por sílabas tônicas, conforme o exposto na Tabela 11, queríamos verificar se a tonicidade deveria estar imediatamente após a preposição (“*pra ver*”) ou não (“*pra tentar*”).

Parece que, segundo os resultados expressos na Tabela 14, palavras com acento mais distante de *pra* (“*pra olaria*”, “*pra comunidade*”) favoreceriam mais o emprego desta variante. Contudo, o número pequeno de dados (16) não permite inferências deste tipo.

Maya (2004) amalgamou palavras com 4 sílabas ou mais e com 3 sílabas, uma vez que os dois fatores apresentaram comportamento semelhante para a escolha da variante *pa*. O novo fator, *3 ou mais sílabas*, resultou um peso relativo de 0,56, confirmando o favorecimento de palavras com mais de duas sílabas para a realização de *pa*. Conforme os resultados do autor, favoreceriam menos a variante *pa* as palavras com uma sílaba, o que poderia significar, conseqüentemente, favorecimento deste fator na ocorrência de *pra*.

Tal constatação seria divergente em relação aos resultados de nossa análise, que parecem indicar favorecimento na distância do acento para a escolha de *pra*. Entretanto, como

já dito antes, essa questão deve ser relativizada, tendo em vista a baixa quantidade de dados do fator *4 ou + sílabas* em nossa pesquisa.

4.3.7 Processo de Sândi com a Sílabas Seguinte

Este grupo de fatores foi analisado devido à necessidade de classificarmos os casos em que a preposição *para* se une a um artigo em contexto seguinte. Em vez de criar mais variantes da variável dependente, o que geraria um total de muitas variantes: *Para, Pra, Pa, Pru, Pu* etc. optamos por criar um grupo de fatores que classificasse esses casos. Por exemplo, em trechos como “*fazer compra pra casa*”, a preposição *pra* resultaria, em princípio, da união de *para + a*, gerando a forma *pra* (*p̄ara* → *pra*), mais o processo de sândi com o artigo *a*⁴. O mesmo ocorre com o artigo masculino, como em “*Pru meu marido*” (*P̄ara + o = pro/pru*), e nos casos de artigo no plural, como nos trechos “*Pras crianças*” e “*Pros noivos*”.

O grupo *Processo de Sândi com a Sílabas Seguinte* foi subdividido em seis fatores, descritos abaixo, juntamente com ocorrências das variantes da preposição *para* retiradas de nosso corpus:

- Com Artigo /a/ no Plural (*Pra/Pa + as = Pras, pas*);
- Com Artigo /o/ no Plural (*Pra/Pa + os = Pros, pus*);
- Com Artigo /a/ no Singular (*Pra/Pa + a = Pra, pa*);
- Com Artigo /o/ no Singular (*Pra/Pa + o = Pru, pu*⁵);
- *Pra + Palavra com Duas Sílabas* (*Pra/Pa + você = p'cê*);
- Ausência de sândi – *para fazer, pra mim, pa trabalhar*.

Os resultados iniciais, assim como em outros grupos, mostraram-nos quantidades baixas de ocorrências, principalmente nos fatores *Com Artigo /a/ no Plural* (2 casos), *Com Artigo /o/ no Plural* (5 casos) e *Pra + Palavra com Duas Sílabas* (8 casos). Assim, decidimos amalgamar estes três fatores, formando um novo fator “*Com Artigo Plural*”. Os fatores *Com Artigo /a/ no Singular* e *Com Artigo /o/ no Singular* foram amalgamados e transformados em

⁴ Consideramos que a variedade linguística analisada (Londrina – PR) utilize o artigo antes do substantivo, como a variedade gaúcha.

⁵ Cabe observar que em todos os casos de *Pro(s)* e *Po(s)* em nosso corpus, a vogal /o/ sofreu alçamento, sendo realizada como [u]; Foram pronunciadas, portanto, *Pru(s)* e *Pu(s)*.

Com Artigo Singular. O fator que apresentou mais ocorrências, *Ausência de sândi*, permaneceu.

A Tabela 15 expõe os resultados da nova rodada, já com as amalgamações.

	Aplicação/Total	%
Com artigo plural <i>pras crianças</i>	4/15	26.7
Com artigo singular <i>Pu lado</i>	34/54	63
Ausência de Sândi <i>pra ganhar</i>	219/280	78.2

Tabela 15 – Variante *pra* considerando o *Processo de Sândi com a Sílabas Seguinte*. Fonte: a autora.

Mesmo com as amalgamações realizadas, as duas variáveis que marcam a ocorrência de sândi ainda apresentavam uma quantidade consideravelmente menor de dados em relação à variável *Ausência de Sândi*, principalmente os casos com artigo no plural (quatro aplicações de 15 dados). Como na grande maioria dos casos não ocorria o processo de sândi, optamos por eliminar este grupo de fatores da nossa análise, pois ele não se mostrou significativo.

Não foi possível comparar os resultados com os outros trabalhos, pois os demais autores não trabalharam com esta variável.

A análise das Variáveis Linguísticas foi realizada com a tentativa de equilibrar os dados o máximo possível. Contudo, nem sempre se consegue atingir a situação ideal de distribuição de dados, tendo em vista os contextos imprevisíveis relacionados a dados de fala, em que podem ocorrer muito mais contextos fonológicos seguintes com consoantes dentais do que palatais, por exemplo. Ainda assim, pudemos constatar alguns condicionamentos linguísticos para a realização da variante *pra*, como presença de pausas, palavras de categoria não lexical após a preposição *e*, de forma moderada, sílabas seguintes tônicas.

Na próxima seção, apresentaremos os resultados obtidos para as variáveis extralinguísticas/sociais.

4.4 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Descreveremos, a seguir, os resultados das três variáveis extralinguísticas, ou sociais, que foram controladas em nossa pesquisa.

4.4.1 *Idade*

A variável *Idade* foi dividida em – *de 50 anos* e + *de 50 anos*, a mesma faixa etária adotada pelo Projeto VARSUL, de cujo *corpus* retiramos nossa amostra.

A Tabela 17 a seguir mostra a distribuição total de dados para cada fator e seus respectivos percentuais e pesos relativos.

	Aplicação/Total	%	peso relativo
– de 50 anos	111/171	65	0.39
+ de 50 anos	105/127	82.7	0.64

Tabela 17 – Variante *pra* considerando a *Idade*. Fonte: a autora.

Apesar de os informantes com menos de 50 anos apresentarem maior quantidade de dados, são os maiores de 50 anos que utilizam mais a forma *pra*. Em um total de 127 contextos, 105 deles ocorrem com essa variante, gerando um percentual de 82,7% (0.64 de peso relativo), enquanto os menores de 50 anos escolheram a mesma variante em 65% (0.39 de peso relativo) dos casos, de um total de 171 dados.

Maya (2004) encontrou resultados semelhantes, os quais lhe permitiram concluir que, quanto mais jovem, maior a probabilidade de o informante utilizar a forma *pa* (peso relativo 0,52). Logo, quanto mais velho, maior seria o desfavorecimento dessa variante (peso relativo 0,44) – o que pode sugerir que os mais velhos optariam pela variante *pra*, situação encontrada em nossos resultados.

Silva (2010), que utilizou divisão em três faixas etárias em sua análise, relata que os informantes mais jovens (15 a 25 anos) e os mais velhos (+ de 49 anos) apresentaram percentual quase idêntico de realização da variante *pra*, com peso relativo de 0,55 e 0,56, respectivamente. Para a autora, a explicação para que os mais jovens escolham *pra* em vez de *pa* pode estar no fato de que estariam submetidos à interferência da escola, já que alguns livros didáticos registram a variante *pra*. No caso da faixa etária intermediária (26 a 49 anos),

a ocorrência diminui (0,46). Ao observar-se o retorno do favorecimento de *pra* entre os mais velhos, Silva indica que o fenômeno representaria uma situação de variação estável.

O papel da idade em nosso estudo poderá ser confirmado na próxima seção, a partir dos cruzamentos entre fatores sociais, uma vez que não se sabe que tipo de jovem está favorecendo a aplicação de *pra*.

4.4.2 *Sexo*

A variável *Sexo* se mostra influente devido ao percentual de *pra* relativo às mulheres da amostra. No entanto, essa afirmação pode ser confirmada com mais precisão na próxima seção, que apresenta cruzamento entre os fatores *Sexo* e *Idade*.

Na Tabela 18 é possível conferir os resultados.

	Aplicação/Total	%	peso relativo
Feminino	111/139	80	0.62
Masculino	105/159	66	0.39

Tabela 18 – Variante *pra* considerando o *Sexo*. Fonte: a autora.

A respeito das mulheres: de 139 dados, em 111, elas escolheram a variante *pra*. Contra o percentual de 80% (peso relativo de 0.62) das mulheres está 66% (peso relativo 0.39) de aplicações dos homens, considerando-se 105 casos em um total de 159 dados.

Como já havia dito Maya, espera-se que as mulheres optem mais que os homens por variantes linguísticas mais inovadoras, o que se confirma em nosso estudo no caso das mulheres mais jovens. Contudo, de acordo com Paiva (*apud* Maya, 2004, p. 87), quando a variante inovadora é desprestigiada socialmente, elas tendem a rejeitá-la. Nesse caso, segundo Maya, restaria aos homens o papel de liderar a mudança a partir do uso de formas mais inovadoras, como acontece em sua análise. Os homens optaram por *pa* na maioria dos casos, com um peso relativo de 0,57.

Os resultados de nossa análise se assemelham aos de Maya, já que também revelam favorecimento da variante *pra* entre as mulheres (em nossa pesquisa, as mais jovens) e da variante *pa* entre os homens. Para o autor, isso se deve ao já mencionado conservadorismo das mulheres diante de variantes inovadoras desprestigiadas socialmente, como parece ser o caso de *pa*.

Silva (2010) também obteve dados que revelam o escolha da forma *pra* entre as mulheres, com um peso relativo de 0,53, contra 0,46 para os homens.

4.4.3 Escolaridade

Esta variável aponta para um favorecimento maior entre os informantes com até 11 anos de estudo para a escolha da variante *pra*.

Abaixo, apresenta-se a Tabela que descreve os resultados:

	Aplicação/Total	%	peso relativo
Até 4 anos	122/179	68.2	0.45
Até 11 anos	94/119	79	0.57

Tabela 19 – Aplicações de *pra* considerando a *Escolaridade*. Fonte: a autora.

Informantes com até 4 anos de estudo apresentam mais dados (179), mas aplicam o fenômeno em 68,2% deles (122 vezes, peso relativo de 0.45), enquanto os informantes que estudaram por até 11 anos, de 119 dados, aplicam em 79% deles (94 vezes, peso relativo de 0.57). Na próxima seção, consta um cruzamento que confirma o papel desta variável, bem como uma das hipóteses de nosso estudo.

Maya (2004) realizou sua pesquisa com três graus de escolaridade: primário (de 1 a 4 anos), secundário (de 9 a 11 anos) e superior, que não consta em nosso estudo, logo, será desconsiderado na comparação dos dois trabalhos. Em relação a esta variável, os dados de Maya divergem de nossa análise. Enquanto nossos dados revelam maior ocorrência de *pra* entre os mais escolarizados (peso relativo 0,57), o autor encontrou um resultado oposto: foram os informantes com até 4 anos de estudo que favoreceram a variante. A maior parte dos que estudaram por até 11 anos, por sua vez, preferiu a variante *pa* (peso relativo 0,61).

Silva (2010) afirma ter sido decisivo o papel desta variável em sua análise. Os informantes de sua amostra estão divididos em três graus de escolaridade. Informantes com grau alto de escolaridade optaram mais pela variante *pra* (peso relativo 0,61). Em segundo lugar, estão os de grau médio (0,50) e, por último, os de grau baixo (0,37). Observa-se, a

partir dos resultados da autora, que os informantes do grau intermediário de escolarização não mostraram preferência por nenhuma das duas variantes: tanto em *pra* quanto em *pa*, apresenta-se um peso relativo idêntico (0,50).

4.4.4 Quantidade de PRA por informante

Abaixo, expomos um Gráfico da quantidade de ocorrências da variante *pra* por informante:

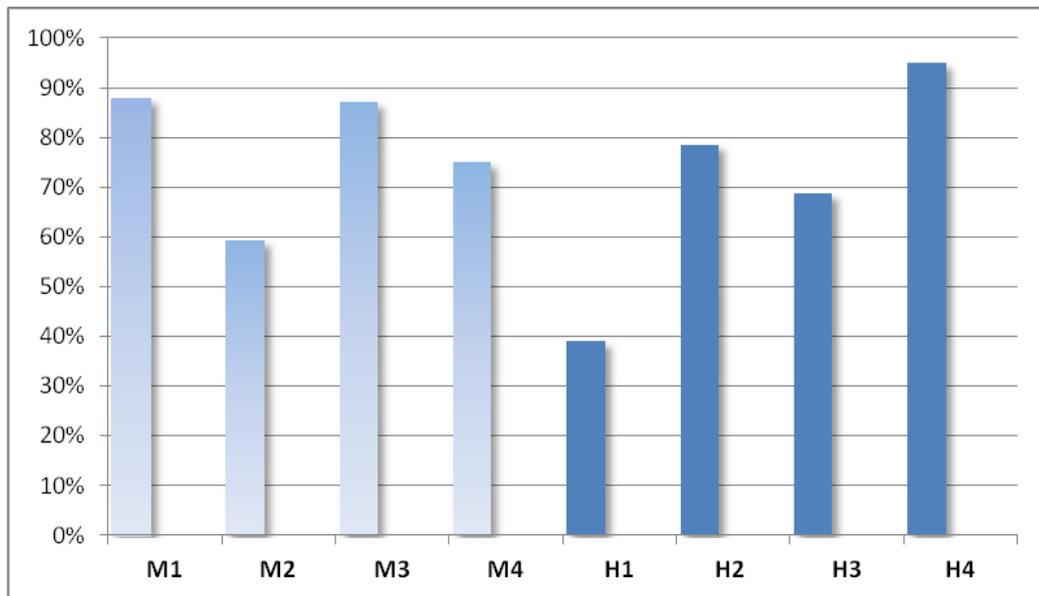


Gráfico 4 – percentuais da escolha de *pra* por informante. Fonte: a autora.

De acordo com o Gráfico, que difere mulheres de homens pelas legendas **M** e **H**, é possível observar que:

- a informante **M1** tem menos de 50 anos e até 4 anos de estudo. Entre 57 possibilidades, escolheu a variante *pra* 50 vezes, totalizando um percentual de 87,7%;
- a informante **M2** tem menos de 50 anos e até 11 anos de estudo. Entre 27 possibilidades, escolheu a variante *pra* 16 vezes, totalizando um percentual de 59,3%;
- a informante **M3** tem mais de 50 anos e até 4 anos de estudo. Entre 31 possibilidades, escolheu a variante *pra* 27 vezes, totalizando um percentual de 87%;
- a informante **M4** tem mais de 50 anos e até 11 anos de estudo. Entre 24 possibilidades, escolheu a variante *pra* 18 vezes, totalizando um percentual de 75%;
- o informante **H1** tem menos de 50 anos e até 4 anos de estudo. Entre 59 possibilidades, escolheu a variante *pra* 23 vezes, totalizando um percentual de 39%;
- o informante **H2** tem menos de 50 anos e até 11 anos de estudo. Entre 28 possibilidades, escolheu a variante *pra* 22 vezes, totalizando um percentual de 78,6%;

– o informante **H3** tem mais de 50 anos e até 4 anos de estudo. Entre 32 possibilidades, escolheu a variante *pra* 22 vezes, totalizando um percentual de 68,8%;

– o informante **H4** tem mais de 50 anos e até 11 anos de estudo. Entre 40 possibilidades, escolheu a variante *pra* 38 vezes, totalizando um percentual de 95%.

O informante **H4**, homem, foi o que mais escolheu a variante *pra* (95%), contra o informante **H1**, também homem, que optou pela variante em apenas 39% dos casos. No caso das mulheres, apenas uma informante, **M2**, divergiu um pouco do resto, com um percentual de 59,3%. A informante **M1**, no entanto, chegou perto de 90% de ocorrências da preposição *pra*.

O Gráfico 4 mostra certo uso equilibrado de *pra* ente os indivíduos da amostra, independente de serem homens ou mulheres.

As mulheres, em geral, conforme a Tabela 18, aplicam mais a variante *pra* do que os homens. Contudo, não há diferenças significativas entre M1 e M3, de um lado, e H2 e H3, de outro.

A amostra apresenta uma distribuição de uso de *pra* equilibrada em torno de 80% de aplicação desta variante. Os informantes M2 e H1 destoam um pouco dos demais, o que é natural de uma comunidade linguística.

4.5 CRUZAMENTOS ENTRE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS OU SOCIAIS

O cruzamento entre fatores tem a finalidade de investigar a interação entre os fatores e de descobrir possíveis células vazias, que são as combinações de fatores que não geraram nenhuma ocorrência da variável que esteja sendo estudada. De acordo com Brescancini (2002, p. 51), é comum a ocorrência de células vazias quando se analisa o comportamento de cada informante de uma amostra: ao inserir-se o fator *Informante* no programa estatístico, percebe-se que é inevitável o surgimento de célula vazia, por exemplo, em “Sexo Feminino”, se o informante for do sexo masculino. Dessa forma, a solução para evitar o problema é retirar esse grupo de fatores dos dados logo após feita a análise de informantes desejada. Isso foi feito em nossa análise para a apresentação dos resultados nas seções 4.3 e 4.4 deste trabalho.

O problema também pode decorrer de uma distribuição desequilibrada dos dados, o que pode acarretar que a variante controlada não ocorra nenhuma vez antes de fatores que sejam mais escassos em determinadas análises, como uma conjunção ou uma palavra com quatro

sílabas, por exemplo. Se todas as células resultantes do cruzamento apresentam dados, com os grupos de fatores co-ocorrendo livremente e sem serem subcategorias uns dos outros, diz-se que eles são *ortogonais*. Dessa maneira, tem-se um âmbito maior de comparações, ainda que nem sempre seja possível obter dados em todas as células. (Guy e Zilles, 2007, p. 52).

Em nossa análise, foram realizados cruzamentos entre os três grupos de fatores sociais: *Idade*, *Sexo* e *Escolaridade*. A seguir, expomos tabelas com os resultados desses cruzamentos, os quais nos permitiram confirmar a relevância, apontada pelo programa, de cada um dos grupos.

4.5.1 *Sexo X Idade*

A Tabela abaixo apresenta os dados referentes ao cruzamento entre *Sexo* e *Idade*:

	Feminino		Masculino		Total	
	Aplic. / %		Aplic. / %		Aplic. / %	
- de 50 anos	66	79	45	52	111	65
	T= 84		T= 87		T= 171	
+ de 50 anos	45	82	60	83	105	83
	T= 55		T= 72		T= 127	
Total	111	80	105	66	216	72
	T= 139		T= 159		T= 298	

Tabela 20 – Cruzamento entre as variáveis *Sexo* e *Idade*. Fonte: a autora.

A partir do cruzamento entre os fatores *Sexo* e *Idade*, podemos observar os seguintes resultados:

- 1) Mulheres com *- de 50 anos* escolheram *pra* em **79%** das vezes (66/84);
- 2) Mulheres com *+ de 50 anos* escolheram *pra* em **82%** das vezes (45/55);
- 3) Homens com *- de 50 anos* escolheram *pra* em 52% das vezes (45/87);
- 4) Homens com *+ de 50 anos* escolheram *pra* em **83%** das vezes (60/72).

As mulheres, em geral, apresentam maior percentual que os homens. No entanto, o que parece estar motivando mais a escolha desta variante é a idade, já que 1) as mulheres mais velhas aplicam o fenômeno em maior quantidade que as mais jovens; 2) os homens mais

velhos aplicam em maior quantidade que os mais jovens e também são os que mais realizam a forma *pra* (83%).

Em conclusão, não há diferença entre mulheres e homens com mais idade no uso de *pra*, mas sim entre os informantes com menos idade. Neste último caso, as mulheres jovens usam mais o *pra* do que os homens mais jovens.

4.5.2 Sexo X Escolaridade

A Tabela abaixo expõe os resultados do cruzamento entre *Sexo* e *Escolaridade*:

	Feminino Aplic. / %		Masculino Aplic. / %		Total Aplic. / %	
Até 4 anos	77	88	45	49	122	68
	T= 88		T= 91		T= 179	
Até 11 anos	34	67	60	88	94	79
	T= 51		T= 68		T= 119	
Total	111	80	105	66	216	72
	T= 139		T= 159		T= 298	

Tabela 21 – Cruzamento entre as variáveis *Sexo* e *Escolaridade*. Fonte: a autora.

A respeito dos dados da tabela acima, pode-se chegar às seguintes constatações:

- 1) Mulheres que estudaram menos utilizam mais *pra* do que as que estudaram mais;
- 2) Homens que estudaram mais utilizam mais *pra* do que os que estudaram menos.

Neste cruzamento de variáveis é possível observar que a *escolaridade* exerce papel distinto nas mulheres e nos homens. Mulheres com pouca escolaridade utilizam mais o *pra*, e os homens com mais escolaridade aplicam mais esta variante.

Assim, os resultados expressos na Tabela 19, que apontam a escolaridade mais alta (*Até 11 anos*) como relevante para o uso de *pra*, devem ser relativizados em relação ao *sexo*.

4.5.3 Idade X Escolaridade

Segue Tabela referente ao cruzamento entre *Idade* e *Escolaridade*:

	– de 50 anos		+ de 50 anos		Total	
	Aplic. / %		Aplic. / %		Aplic. / %	
Até 4 anos	73	63	49	78	122	68
	T= 116		T= 63		T= 179	
Até 11 anos	38	69	56	88	94	79
	T= 55		T= 64		T= 119	
Total	111	65	105	83	216	72
	T= 171		T= 127		T= 298	

Tabela 22 – Cruzamento entre as variáveis *Idade* e *Escolaridade*. Fonte: a autora.

A partir dos resultados desse cruzamento, pode-se reforçar a influência do fator *Idade*, já que, novamente, os mais velhos realizam mais a variante *pra* do que os mais jovens, independentemente da escolaridade. A variável *Escolaridade*, em interação com a *Idade*, não se mostra influente.

A análise das Variáveis Extralinguísticas pretendeu confirmar prováveis condicionamentos, apontados nos resultados de cada variável, por meio dos cruzamentos entre fatores sociais, a fim de gerar interações entre cada um. Assim, tornou-se possível concluir, por exemplo, que o papel da *escolaridade* deve ser relacionado ao fator *Sexo* para que possa ser considerado influente na ocorrência de *pra*. Também concluímos que são os informantes mais velhos que optam mais por esta variante, independente da escolaridade.

O próximo capítulo apresentará todas as conclusões deste trabalho de maneira mais detalhada.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho investigou a variação da preposição *para* na fala de Londrina (PR), onde ela pode ser realizada também nas formas *pra* e *pa*, assim como em outras cidades observadas por outras pesquisas. A amostra pertence ao *corpus* do Projeto VARSUL e a perspectiva adotada foi a da Teoria da Variação de Labov.

Os resultados confirmam nossa primeira hipótese, de que a forma *para* seria menos produtiva em relação a *pra* e *pa*, sendo *pra* a mais escolhida pelos informantes de nossa amostra. Uma vez que as formas reduzidas são mais utilizadas também em outras regiões do País, de acordo com algumas pesquisas, esta regra variável caracteriza uma mudança em curso no português brasileiro, por seu crescente uso.

A segunda hipótese não foi totalmente confirmada, pois o papel da escolaridade para a realização da preposição reduzida deve ser relativizado em relação ao sexo do informante. De acordo com os resultados da Tabela 19, o fator *Até 11 anos de estudo* apresentou mais ocorrências de *pra*. Entretanto, a partir do cruzamento da Tabela 21, constatamos que a maior quantidade de ocorrências desta variante está entre as mulheres que estudaram menos e os homens que estudaram mais.

A terceira hipótese também não pôde ser totalmente confirmada, pois nossos resultados apontaram para relativo equilíbrio entre os fatores *Tônica* e *Átona*, com vantagem de 0,09 de peso relativo para o primeiro, conforme expresso na Tabela 12. A *tonicidade da sílaba seguinte* exerceria uma influência relativamente moderada na aplicação de *pra*. Assim, a hipótese de que a preposição reduzida, desprovida de acento, unir-se-ia a uma palavra iniciada por sílaba átona não se confirma.

Algumas variáveis linguísticas se mostraram relevantes para a aplicação da forma *pra*, como os contextos seguintes com pausa, com palavras não lexicais e, de forma moderada, com sílabas tônicas.

Em relação às variáveis sociais, os informantes mais velhos, independentemente do sexo, utilizaram mais a forma *pra*, o que poderia revelar uma tendência de que esta variante venha a desaparecer. No entanto, as mulheres mais jovens apresentaram mais ocorrências do que os homens da mesma faixa etária, o que nos permite concluir (considerando-se as conclusões de nossa segunda hipótese) que as mulheres que têm menos estudo favoreceram mais a variante *pra*.

Esperamos que os resultados obtidos nesta pesquisa possam contribuir para outros estudos na área, a fim de ampliar o conhecimento sobre a fala no português brasileiro. No

futuro pretendemos analisar mais detalhadamente a influência prosódica neste fenômeno, incluindo a análise da velocidade da fala.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas. *Dicionário de Português Aulete Digital*. Disponível em www.auletedigital.com.br.
- BISOL, Leda. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- _____. 2004. Mattoso Câmara Jr. e a Palavra Prosódica. *D.E.L.T.A.*, v. 20 (especial), p. 59-70.
- _____. O clítico e seu Status Prosódico. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 9, n.1. Belo Horizonte, 2000, p. 5-30.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GAZOLA, Adriana. A Estrutura Prosódica da Preposição *para*. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 367-396, jul./dez. 2008. Disponível em www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/524/526. Acesso em 16 nov. 2014.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- INSTITUTO DE TEORIA LINGUÍSTICA E COMPUTACIONAL. **Dicionário de Termos Linguísticos**. In: *Portal da Língua Portuguesa*. Disponível em www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology. Acesso em 13 nov. 2014.
- MAYA, Leonardo Zechlinski. A variação da preposição *para* na fala de Porto Alegre. 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- PROJETO VARSUL. www.varsul.org.br.
- SILVA, Nahete de Alcântara. A Preposição *para* e suas Variantes no Falar Araguatinense. 2010. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- TARALLO, Fernando Luiz. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 5ª edição – 1997.
- WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin; LABOV, William. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo, Parábola – 2006.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Traduzido por Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. 352 p.

ANEXO A – quadro de codificação de variáveis

CODIFICAÇÃO DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS							
A VARIAÇÃO DA PREPOSIÇÃO PARA (PRA/PA) NA FALA DE LONDRINA PELOS DADOS DO VARSUL							
Variáveis Linguísticas			Variáveis Extralinguísticas				
VARIÁVEL DEPENDENTE			(8) SEXO				
0	Para: me convidaram para ser secretária	x	Informante Feminino				
1	Pra (pros, pras): ele nomeou ela pra ser a presidente	y	Informante Masculino				
2	Pa (pu, po): levantei animada pa limpar o escritório						
(1) CONTEXTO MORFOLOGICO SEGUINTE			(9) IDADE				
n	Nome: Vamos pra Avenida hoje?	-	- de 50				
v	Verbo: ia na casa do outro pra escutar rádio	+	+ de 50				
w	Numeral: pra uma parte						
q	Pronome: uma parte pra ele						
g	Artigo: para as crianças						
c	Conjunção: pra que eles não venham						
?	Advérbio: vieram pra cá						
!	Nada: (pausa),						
(2) CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE			(10) ESCOLARIDADE				
u	Vogal posterior (u, o, ó): pra uma	4	Até 4 anos:				
a	Vogal Central (a): a gente levanta pa andar	5	Até 11 anos:				
e	Vogal Anterior (i, e, ê): pra 'r num baile						
f	Consoante Labiodental: tirar pra fora						
(11) DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA			Infor.	Idade	Fem	Masc	Anos est.
k	Consoante velar ([k], [g], [x]): pra confeccionar	R	44	LDN 01			4 anos
m	Consoante bilabial (b, p, m): pra movimentar	E	25	LDN 06			11 anos
d	Consoante dental (t, d, [s], n, l, z): para ser secretária	L	56	LDN 07			4 anos
h	Consoante palatal (nh, lh, j, ch, dj, tch): Pergunta pra Dione	Z	52	LDN 08			11 anos
3	Pausa	M	35			LDN 13	4 anos
(3) TONICIDADE DA SILABA SEGUINTE			O	30		LDN 18	11 anos
t	Tônica: eu vou pa praia	N	50			LDN 19	4 anos
o	Atona: eu vou mudar pra Curitiba, pra valer	J	67			LDN 23	11 anos
b	Clítica: Hoje pa te falar a verdade						
X	Nada:						
(4) PARALELISMO							
i	Ocorrência isolada (sem paralelismo)						
r	Primeira da série: pra uma parte pra ele						
j	Antecedida de pra : pra uma parte pra ele						
p	Antecedida de pu : pra ir pu balé, pra ir no Catecismo						
l	Antecedida de pa : passei pa quinta série... deu uma bicicleta pra mim						
(5) NUMERO DE SILABAS DO ITEM SEGUINTE							
6	1 sílaba: pra mim						
7	2 sílabas: pa quinze						
8	3 sílabas: pra trabalhar						
9	4 ou mais sílabas: pa conciliar						
X	Nada:						
(6) POSIÇÃO EM RELAÇÃO A PAUSAS							
s	Sem pausas: e pra baixo era tudo terra						
]	Depois de pausa: fazem festa mesmo, pra valer						
[Antes de pausa: vai pra ... Campinas						
z	Entre pausas: ali... pa ... "robá" uva						
(7) Processo de Sândi com a Sílaba Seguinte							
A	Com Artigo /a/ no Plural (Pra + as = pras); (Pa+as = pas):						
B	Com Artigo /o/ no Plural (Pra + os = prus, pus):						
C	Com Artigo /a/ no Singular (Pra + a = pra, pa): pra Melissa						
D	Com Artigo /o/ no Singular (Pra + o = pru); (pa + o = pu):						
E	Pra + palavra com duas sílabas (pra + você = p'cê)						
F	Nada (sem sândi): para fazer, pa mim, pra trabalhar						

ANEXO B – arquivo de dados de entrevistas

a mão de obra depois pra confeccionar é muito mais cara
 Confeção de cortina, decoração que é pra movimentar
 (pausa) pra criar os filhos
 (pausa) PRA uma parte pra ele a maioria pu patrão
 (pausa) pra uma parte PRA ele a maioria pu patrão
 (pausa) pra uma parte pra ele a maioria PU patrão
 dez quilômetros pra ‘i’ num baile
 faz um baile aí é pra aproveitar e, a oportunidade... bagunçar, né?
 ela pergunta pra mim
 e ela precisa perguntá pra mim às vezes
 o pessoal aqui do conjunto que fundou a chapa pra concorrer
 me convidaram PARA ser secretária
 esses dois anos foram pra nós
 A gente conseguiu tirá pra fora
 fazer compra PRA casa pra investir
 fazer compra pra casa PRA investir
 ajuda pra fazer essa escola
 e quando a escola tava pronta pra surpresa da gente
 ele nomeou ela pra ser a presidente
 construir essa escola para as crianças
 (pausa) Pras crianças que estivessem fora
 iria PRA escola oficina pa aprender uma profissão
 iria pra escola oficina PA aprender uma profissão
 (pausa) PRA trabalhar e pra estudar também
 (pausa) pra trabalhar e PRA estudar também
 reunimos a assembleia pra discutir
 a lei que pra ser presidente
 uma chapa pra concorrer com ela
 (pausa) coisas pra escola
 a gente abriu mão e deixou pra ela
 (pausa) Pra gente (pausa)
 a gente votou pra ele
 fazer estágio pra trabalhar na escola
 os meus talheres pra eles fazerem esse estágio
 (pausa) pra conseguir aquela escola
 demorou pra ficar pronto esse prédio
 convênio com a prefeitura pra o (*sem sândi*) pagamento da merendeira
 (pausa) pra fazer o projeto
 mas não participa pra ver como é
 dá o duro PRA ver se consegue uma melhoria pra comunidade
 dá o duro pra ver se consegue uma melhoria PRA comunidade
 um pouquinho mais PU lado do prefeito
 a gente tenta transmitir PRA, pros noivos
 a gente tenta transmitir pra, PROS noivos
 A gente transmite pra eles
 tentar mostrar pra eles os erros
 nesse sentido pra que eles não venham
 abandona a família pra trabalhar fora

(pausa) pra que você 'ajunte' tesouros
 importante pra família
 atenção PRA criança, pra, pros filhos
 atenção pra criança, PRA, pros filhos
 atenção pra criança, pra, PROS filhos
 então é pra criança
 segredos um pu outro
 faz hora extra pra ganhar um pouco mais
 e pra que ele possa...
 o tempo pra si
 (pausa) ...pra mulher, que chateia...
 roupa pa lavá
 o filho PRA mandar pra escola, pra catequese
 o filho pra mandar PRA escola, pra catequese
 o filho pra mandar pra escola, PRA catequese
 (pausa) ...pra eles, ...
 pra ver se vocês dão conta
 a gente passa PRA eles pra que eles...
 a gente passa pra eles PRA que eles...
 depois que eles vieram pra cá
 minha vó veio pa tentar a vida
 depois eu fui pu Marista
 pondo dinheiro pa trabalhar
 perdeu tudo, pa(?) poder pagar
 pouquinho que são pra fora
 minha mãe mora mais pra baixo
 Meu outro irmão mais pra baixo
 são bem pra baixo
 Fica pesado PRA mim, pro meu marido sozinho
 Fica pesado pra mim, PRO meu marido sozinho
 a gente levanta pa andar.
 poucos lugares que tem pra passear
 poucos lugares mesmo pa/pras(?) passear
 Mas eu acredito que pra quem trabalha
 mais empresa pa(?) dar mais emprego
 dava as carteirinhas pus idosos andar de ônibus
 uns cinco quilômetros pra frente
 chamam a gente pra comentar
 se dando bem, pra apesar de estar no jardim
 levam fralda pra elas trocarem
 Eu acho que eu não dava pra isso
 não daria força pru pulmão dela
 um dia inteiro pra ganhar ela
 levantei animada pa limpar o escritório
 fui pu hospital
 uma injeção pra mim poder ganhar ela no dia
 ela não podia vir pra ajudar
 dá pra ganhar um pouquinho
 se reúne, pa fazer na rua
 aí eles também mudaram pra cá

eles vieram PRA cá pu Paraná
eles vieram pra cá PU Paraná
falou que era pra ele vir.
meu pai voltou pra Minas
eles vieram pra cá morar aqui
ele resolveu vir aqui PRA, Pra, É, pro bairro aqui
ele resolveu vir aqui pra, PRA, É, pro bairro aqui
ele resolveu vir aqui pra, Pra, É, PRO bairro aqui
veio pra Vila Casoni
Ele resolveu vir aqui pra- (pausa)
tinha estudo, nada, né? pra trabalhar.
ele puxava barro pra olaria
passou pra outra casa
já tem igreja pra tudo lado
dificuldade até pra gente ir na missa
então a gente pra fazer primeira comunhão
aqueles trilhos, né? pra gente ir
aquele carroção, né? pra- (pausa)
a gente pra ir na escola
um chinelinho, né? pra poder- porque...
(pausa) pra gente então
às vezes pra gente encurtar
passava pelo atalho pra ficar mais, mais fácil, né?
se chovesse não dava pra ir, né?
a gente ia pru sítio
aí a gente voltava pra casa
aí já aproveitava pra vir
tem as lanchonetes pu centro
outra coisa pu (?) povo fazer
Aí todo mundo ia pu (?) cinema.
aí ia PRA... pra praça
aí ia pra... PRA praça
todo mundo vinha pra casa
"Vamos pra Avenida hoje?"
"Vamos pra uma lanchonete"
ia na casa do outro pra escutar rádio
vindo da Itália pro Brasil
sempre está indo, né? pra Londrina
Pergunta pra Dione
sentada pa assistir
de tarde vem pra cá.
Fica aqui PRA ir pu balé, pra ir no Catecismo
Fica aqui pra ir PU balé, pra ir no Catecismo
Fica aqui pra ir pu balé, PRA ir no Catecismo
Vieram pra cá
Vieram antes pra cá
começaram a "vim" pra cá
daqui ele foi pa Paranaguá
depois ele veio pra cá
eles fazem festa mesmo, pra valer

Está meio apagado. *(inint) dois anos pra cá
 A turma já está se reunindo pra fazer festa
 Estão se reunindo pra fazer qualquer coisa
 eu vou mudar pra Curitiba
 A Dione mudou pa Londrina há pouco tempo
 Agora ela mudou pra Londrina
 mais fácil pra ela
 Acho que é muito difícil pra- (pausa) Não é mesmo
 Deus ajude que- (pausa) vá tudo pa frente
 Eu dou atenção pra eles
 sobra tudo pra mim, né
 (início de frase) Pra elas é- é cômodo, né
 Eles não tem muito tempo PRA- (pausa) *Sei lá, pa brincar
 Eles não tem muito tempo pra- (pausa) Sei lá, PA brincar
 Ah! é, é, igual eu estou dizendo pra você,
 volta PRA São Paulo ou vai pa Curitiba
 volta pra São Paulo ou vai PA Curitiba
 vai pra... Campinas
 pessoal tem que sair daqui pa “i” trabalhar
 que não arruma nada pa fazer
 Então torna-se difícil pa se viver em Londrina
 eu acho que tinha que ter mais indústria em Londrina pra... então-...
 se eu contar pra você,
 partir pro lado da indústria, né?
 quando mudou isso pa URV agora,
 mas o resto, pra morar em Londrina é uma cidade mais segura
 Nós saímos todo domingo daqui pa “i” jogar futebol
 eu vou pa praia
 não sei se é má administração, ou-... pa não ter indústria
 mas é só pa viajar, né?
 mas já assim pa trabalhar em serviço interno
 eu já disse pa você
 jogava na estradinha pus caminhão... encalhá.
 e jogando pra gente
 jogava no meio da estrada pa vê os caminhão,
 nós jogávamos água pa encalhá
 Eu tinha quatorze pa quinze
 deixa pra lá
 eu pa mim chegar e brincar com os outros
 uma paçoquinha pra você
 vi ela vindo com a mangueira de lá pra cá
 quando eu passei PA quinta série... meu pai me deu uma bicicleta pra mim de presente
 quando eu passei pa quinta série... meu pai me deu uma bicicleta PRA mim de presente
 Aí eu passei pa quinta série
 você não tem liberdade p’cê-, igual eu mesmo que sou bagunceiro
 a gente não tem liberdade pa... fazer certo tipo de coisa
 eu ia lá levar almoço pra ele,
 Então pode ir pa sua casa
 Então pode ir pra casa
 só que ele não falou nada pra mim, né?

mas mais pa conversa-... não de brincadeira, né?
 Hoje pa te falar a verdade
 é um lugar bonito p'cê... tirar foto
 Aquele jardim pu lado de cima da rua
 (pausa) PRA quem não conhece é-... pra gente não
 (pausa) Pra quem não conhece é-... PRA gente não
 entrava nas bicas e descia pa barragem
 até naquela linha é permitido, dali pra dentro,...
 e ia p'esse morrão
 daqui a pouco ele volta p'cê, né?
 tem corpo de bombeiro, tem-...PRA isso é bom, pra isso é bom
 tem corpo de bombeiro, tem-... pra isso é bom, PRA isso é bom
 lá na praia pa ficar lá na água, né?
 levavam as varinhas pa “í” pescar,
 você sai pra trabalhar
 partindo pu lado do Iate Clube
 É, PA quem gosta é é, é... é um lugar bom p'cê ir passear
 É, pa quem gosta é é, é... é um lugar bom P'cê ir passear
 se eu falar PRA você que eu perdi tempo pa “í” lá algum dia ver teatro,
 se eu falar pra você que eu perdi tempo PA “í” lá algum dia ver teatro,
 sai lá em cima, (pausa) pra cima da Rua Maringá
 as três opção que o, que o londrinense tem pa “í” passear
 Aí é cheio de cachoeira, pa quem gosta de aventura é bom.
 ela gosta, de ir lá pa brincá na cachoeira.
 que pra vim da minha casa, em frente a prefeitura
 tá bem PRA lá da minha casa, mais p'centro ainda, né?
 tá bem pra lá da minha casa, mais P'centro ainda, né?
 e a usina ficou bem pa “tráis”, né?
 quando nós era criança ali... pa... “robá” uva do japonês
 cê... caçava os trilhozinho p'cê entrá, né?
 é calçado pra você entrar,
 os barranco mesmo pra você descer,
 intervalo pru almoço
 tem muita coisa pra melhorar ainda no sistema de saúde.
 cinco e meia já tem gente na fila (pausa) pra pegar
 Remédio PRA... assim, pra... controle de pressão
 Remédio pra... assim, PRA... controle de pressão
 remédio comum, né? pra febre, dor...
 a gente não tem um controle assim (pausa) pra poder avaliar, né?
 Tem um ou outro específico, acho que pra crise, asma, ...
 vem de outras cidades (pausa) pra estudar aqui
 tem uma certa autonomia pra resolver os problemas
 Acontece que às vezes tem um cara pra trocar uma... tomada
 Então está se partindo na... PRA esse, pra esse lado aí agora
 Então está se partindo na... pra esse, PRA esse lado aí agora
 se partir pra mais, é... regionalização
 a tendência é, é repassar isso aí PRA, pras unidades, né?
 a tendência é, é repassar isso aí pra, PRAS unidades, né?
 brigando pra que o médico cumpra o... o horário integral dele
 É... p'ele poder manter outros vínculos

jornada de seis horas que dá pa conciliar
 Os professores que vão dar aula pus mesmos
 É só mais um bico pra eles e acabou
 o cara... contribuir pa... piorar a qualidade de ensino
 É o principal que forma pra magistério
 Uma japonesa era braba pa caramba,
 Ficava olhando pa parede assim em de pé
 foram até PRA curso no... curso no exterior pra trabalhar mesmo
 foram até pra curso no... curso no exterior PRA trabalhar mesmo
 Pessoal que vem de lá pra fazer curso aqui
 Fazer entrevista com o pessoal PRA... pra levar pa estágio, né?
 Fazer entrevista com o pessoal pra... PRA levar pa estágio, né?
 Fazer entrevista com o pessoal pra... pra levar PA estágio, né?
 dá-se um tema e, pra ver o comportamento da, do pessoal, né?
 E na época eu tinha passado até pra Santista
 Tinha passado PRA Santista e pa uma... (pausa)
 Tinha passado pra Santista e PA uma... (pausa)
 (pausa) PRA você ir pra a escola
 (pausa) pra você ir PRA a escola
 segurando na cerca pra chegar até a escola
 uns mil metros mais ou menos pra frente,
 nós entrava naquele pasto pra soltar papagaio,
 a gente entrava ali... PRA sol-, pra soltar papagaio
 a gente entrava ali... pra sol-, PRA soltar papagaio
 desse campo aqui do Vitorino, que é um pouquinho pra cima.
 dali pra cima na rua Acre,
 e pra baixo era tudo terra,
 p'cê subir aqui pro centro
 tinha que vir no meio do barro pra poder chegar até o estádio
 existia pra baixo do... onde está a rodoviária
 é mais ou menos isso que eu te falei pa você, né?
 dá PRA... não dá pa descansar muito não,
 dá pra... não dá PA descansar muito não,
 não dá pa tomar fôlego não.
 fica mais difícil pra fazer gol,
 Não tem jeito PA se esconder pa num receber bola,
 Não tem jeito pa se esconder PA num receber bola,
 agora, PRA eu, pra... assistir futebol,
 agora, pra eu, PRA... assistir futebol,
 eu gosto, eu perco tempo pra isso,
 eu, sento na frente da televisão pra assitir,
 não tenho muita paciência pra ficar o tempo todo,
 é como eu falei pa você,
 (pausa) mas que dá pra derrubar qualquer pessoa, dá
 trouxe a minha televisão, trouxe colorida pra assistir,
 mas... PRA, pra ver eu acompanhei até o final,
 mas... pra, PRA ver eu acompanhei até o final,
 na verdade foi uma festa, p'uma pessoa que morreu.
 Eu acho que tem que se fazer... uma homenagem pa pessoa,
 jogar pa frente aí, vamos ver se vai, surgir um outro Senna,

até chegar nome, pa poder depois pegar carro melhor.
 como eu falei pa você,
 a semana... pa nós, nós perdemo uma semana
 mas fanático de chegar ao ponto de, de sair pra ir num lugar assim,
 essa morte dele o que causou pra essas pessoas.
 um lugar muito bom pra pessoa ir, né?
 então à noite, pra ler,
 uma luz perto pra poder ajudar
 a luz não, não dava mesmo pu povo.
 e ia pu centro da cidade
 A parte da estrada de ferro pra baixo,
 ficavam indo PRA lá pra cá,
 ficavam indo pra lá PRA cá,
 E se você fosse pra lá,
 Cada um ia pra sua casa
 (pausa) PRA, pra dar... a... altura da, da barragem
 (pausa) pra, PRA dar... a... altura da, da barragem
 (pausa) pra num... num pegar muita... propriedade, né?
 uma grande coisa pra cidade, né?
 não sei se já falaram pra você isso
 Na rua, ia todo todo mundo pra rua
 a turma num... num usava o lança perfume PRA, pra droga, né?
 a turma num... num usava o lança perfume pra, PRA droga, né?
 tinha uma matinê pra gente assistir no cinema.
 teve muita gente que veio pra cá.
 Veio pra cá na época, comprar lote.
 Onde tem o hotel, que eu falei pra você.
 eles chamavam a gente pra ir catar bola, né?
 então pegar a bola e já dar pra eles, né?
 toda tarde a gente ia PRA lá pra ganhar.
 toda tarde a gente ia pra lá PRA ganhar
 Eles davam aqueles... quatrocentão pra gente,
 eles mandavam a gente entrar PRA dentro, e pra gente pegar bola pra eles.
 eles mandavam a gente entrar pra dentro, e PRA gente pegar bola pra eles.
 eles mandavam a gente entrar pra dentro, e pra gente pegar bola PRA eles.
 Quando estragava a bola, eles davam pra gente,
 tem bastante nomes pra gente...
 ele veio com a Companhia de Terra pra cá.
 (pausa) pra desenvolver assim,
 perto de... de, pra frente de Maringá.
 (pausa) PRA...pra desenvolver, né?
 (pausa) pra...PRA desenvolver, né?
 Era tudo de cinqüenta pra baixo.
 (pausa) pra lá já, já não...
 quatorze anos pra cima,
 Meu pai sempre punha eu pra, aprender um ofício.
 me puseram pra aprender o ofício de sapateiro.
 Esse rapaz não, não vai servir pra sapateiro.
 Daí pôs eu pra trabalhar numa... numa... aprender o ofício de...
 ficávamos jogando a tesoura, pra fincar a tesoura